

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

ANA LAURA RODRIGUES FERREIRA FERRARI

**A PRÁTICA E O DISCURSO EXTREMISTAS NA CONJUNTURA ANTIPETISTA:
DIAGNÓSTICO E EXPLICAÇÃO**

SÃO PAULO – SP

2016

ANA LAURA RODRIGUES FERREIRA FERRARI

**A PRÁTICA E O DISCURSO EXTREMISTAS NA CONJUNTURA ANTIPETISTA:
DIAGNÓSTICO E EXPLICAÇÃO**

TÍTULO ANTIGO: EXTREMISMO NO DEBATE POLÍTICO BRASILEIRO APÓS
MUDANÇAS ESTRUTURAIS NA POSIÇÃO DE CLASSE: EXPLICAÇÃO E ORIGEM

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação
Científica

Relatório Final

Orientador: Cláudio Gonçalves Couto

SÃO PAULO – SP

2016

RESUMO

Desde o primeiro mandato da presidenta Dilma Rousseff, e com uma intensificação que data da campanha eleitoral de 2014 à abertura do processo de impeachment em 2016, percebeu-se um clima hostil entre cidadãos que discordavam em relação à continuidade ou término da atuação do Partido dos Trabalhadores (PT) no comando do governo federal. Essa hostilidade se traduz em discursos violentos, negação da convivência com sujeitos considerados petistas e hostilizações aos políticos ligados ao PT e às figuras públicas que se manifestavam favoráveis ao partido.

Para identificar esse comportamento de certos grupos opositores, o referencial teórico detalha a definição de extremismo e traça as suas possíveis consequências em um contexto democrático. Além disso, utiliza dos conceitos de homofilia e polarização de grupos para explicar as razões da mudança de posicionamento para pontos mais extremos na conjuntura de debates e informações online.

O objeto de estudo que insere essa lógica é o material empírico recolhido predominantemente da internet, a saber, os comentários desse público em postagens no Facebook; em especial as páginas de Facebook que ganharam relevância através da retórica antipetista e a atuação de movimentos sociais opositores e de publicistas ligados à mídia tradicional.

Conclui-se, a partir disso, que o consumo de informações através da internet e a propagação de formações discursivas semelhantes por diversos atores ligados à vivência desse público criam condições para o surgimento de uma confiança irrestrita nos pontos defendidos, o que pode resultar em comportamentos extremistas. Além disso, percebe-se que os padrões encontrados no discurso da população não surgem de forma totalmente espontânea, mas fazem parte da conjuntura na qual esses grupos estão inseridos.

Palavras-chave: extremismo, antipetismo, intolerância, nova direita, Partido dos Trabalhadores, internet, redes sociais; Facebook.

SUMÁRIO

1.0 INTRUDUÇÃO.....	5
2.0 REFERENCIAL TEÓRICO.....	7
2.1 As razões da tolerância.....	7
2.2 Definição de extremismo.....	8
2.3 O processo de polarização, o extremismo e as informações.....	12
2.4 Cascata de informações: o papel dos líderes de opinião e da mídia.....	17
2.5 O papel da internet na polarização de grupos e no consumo de informações.....	20
3.0 ANÁLISE DA PRÁTICA E DO DISCURSO.....	26
3.1 População.....	27
3.2 Páginas.....	31
i. Movimento Endireita Brasil.....	36
ii. Faça na Caveira.....	37
iii. Ter opinião não é crime.....	38
iv. Folha Política e Política na Rede.....	38
3.3 Movimentos Sociais.....	39
i. Movimento Brasil Livre.....	39
ii. Revoltados ONLINE.....	41
3.4 Mídia.....	43
3.5 Ações: a segunda fase da intolerância.....	49
4.0 CONCLUSÃO.....	55
5.0 BIBLIOGRAFIA	58

INTRODUÇÃO

Na campanha eleitoral de 2014, assistimos a um clima hostil entre cidadãos que discordavam em relação à continuidade ou término da atuação do Partido dos Trabalhadores (PT) no comando do governo federal. Mais do que a rivalidade de um jogo competitivo, a hostilidade se traduzia em retaliações à própria permanência do PT na disputa eleitoral, aproximando indivíduos através do sentimento do *antipetismo*.

Para esse grupo da população oposicionista, comportamentos díspares puderam ser observados. Através de um envolvimento afetivo com o assunto, discursos que incentivavam a violência às figuras ligadas ao PT eram propagados, havia a negação da convivência com indivíduos considerados “petistas” e a crença em boatos e informações duvidosas era facilmente identificada.

O contato entre parentes e amigos que discordavam politicamente se tornava dificultoso. As redes sociais foram inundadas por manifestações agressivas e um baixo nível de debate. Ao mesmo tempo, políticos ligados ao PT e figuras públicas que se manifestavam favoráveis ao partido eram hostilizados nas ruas, durante o exercício de suas vidas privadas.

Essa tendência tem início com o primeiro mandato da presidenta¹ Dilma Rousseff (PT), em um contexto de saturação da virada à esquerda do governo brasileiro. Manifesta-se, de forma mais acentuada, durante a campanha eleitoral de 2014, mas segue por todo o ano de 2015 – culminando com a abertura do processo de impeachment em 2016.

O objetivo do presente trabalho é diagnosticar e compreender o funcionamento de uma nova parte da oposição ao Partido dos Trabalhadores – e a posicionamentos à esquerda, em geral – que se manifesta com uma retórica intolerante. A relevância do tema se dá pela sua atualidade e pela sua

¹ Optou-se por utilizar a palavra presidenta como uma reafirmação da questão de gênero, o que independe da aprovação ou reprovação do exercício de seus mandatos. É interessante notar que, apesar de diversos linguistas afirmarem que o termo está correto, opositores continuam desqualificando-o para reprovar a atuação de Dilma Rousseff no comando do executivo.

força, uma vez que as mudanças na opinião pública são capazes de influenciar o projeto de governo da base oposicionista tradicional (SANTOS, 2014, p. 319).

É importante ressaltar que a escolha do tema se deu pela regularidade da ocorrência de discursos e ações extremistas por parte da população estudada, indicando um processo a ser apreendido. Entretanto, sabe-se que discursos e ações extremos não são características de um espectro político, e que diversas críticas ao Partido dos Trabalhadores e a sua atuação são válidas e embasadas em argumentos racionais. Tais críticas são essenciais ao jogo democrático e não fazem parte do objeto de estudo dessa pesquisa.

Para cumprir o propósito descrito acima, ressaltou-se, primeiramente, a importância da tolerância política e suas particularidades em relação a outros tipos de tolerância. Em um segundo momento, dedicou-se uma seção à definição e ao detalhamento de um comportamento extremista e suas possíveis consequências. O extremismo seria o resultado do envolvimento afetivo e da confiança irrestrita que os portadores de uma opinião apresentam em relação a ela.

Para compreender como um indivíduo move seu entendimento para um ponto mais extremo, os conceitos *homofilia* e *polarização de grupos* foram utilizados. Por essa perspectiva, a homogeneidade nos grupos de convivência gera condições para a radicalização de opiniões. O processo de assimilação de novas informações, nesse contexto, também foi considerado.

A partir disso, a análise pôde ser transferida para a influência da mídia e de líderes de opinião sobre os grupos da população. Perguntou-se de que forma as expressões e formações discursivas vistas em subgrupos da população se manifestariam em um contexto mais formal, onde a linguagem é delimitada por uma ética profissional.

Para finalizar o referencial teórico, uma reflexão sobre o potencial democrático da internet e seu papel na *polarização de grupos* foi construída. Questiona-se a qualidade do acesso a informações, da mídia alternativa e de debates, sempre levantados como pontos positivos da existência virtual.

A segunda parte da pesquisa vem para analisar o material empírico recolhido predominantemente de sites e páginas de Facebook. Através da atuação dessa população na internet, analisa-se o discurso caracterizado como extremista em sua prática. Um diagnóstico das páginas de Facebook que apresentam um discurso radical também foi construído, juntamente com a análise do discurso dos movimentos sociais e dos publicistas que cativam esse público.

Com isso, pretendeu-se demonstrar que o clima polarizado e o discurso padronizado e extremista de parte da oposição não são elaborados individualmente pelos atores que os expressam, mas encontram espaço e incentivo em diversos âmbitos de sua realidade. Além disso, são facilitados pelo uso da internet na forma em que se encontra.

2.0 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 As razões da tolerância

O valor da tolerância política – e da tolerância em geral -, pode ser sustentado através de argumentos voltados à prática e a política, à moral ou à teoria. Através da prática, é possível pensar que a tolerância à ideia considerada como um erro ou uma mentira traz mais resultados positivos no convencimento da verdade de seu próprio ponto do que reprimi-la e correr o risco de se desacreditar.

Se abordada de uma perspectiva moral, a tolerância ganha uma consideração universal de valorização da resolução de conflitos através da persuasão, e não mais da violência ou coerção. Esse princípio é uma das características que diferenciam o regime democrático de regimes despóticos.

Do ponto de vista teórico, sustenta-se que a convivência e o conflito de ideias contrárias resultam em conhecimentos superiores, em uma “síntese de verdades parciais”. Stuart Mill teoriza que o embate de ideias é positivo independente da veracidade das mesmas: se o ponto defendido é errôneo, ganha-se a oportunidade de mudá-lo; se é verdadeiro, ganha-se a percepção mais clara de

suas razões e aprofunda-se o raciocínio, evitando, assim, sustentar um “dogma morto” (1968, citado por WEFFORT, 2001, p. 211).

É indispensável ressaltar que a intolerância discutida no presente trabalho é aquela de significado histórico predominante, ou seja, a intolerância religiosa ou política – nesse caso, política, que se manifesta através do extremismo em nível de discurso e de prática. Essa definição diverge da intolerância contra minorias (discriminação, preconceito), que tem suas razões e formas de combate diversas e não será discutida.

2.2 Definição de extremismo

O extremismo pode ser definido, de um modo macroestrutural, através de dois aspectos: a confiança irrestrita e o envolvimento afetivo com a causa em questão. A confiança irrestrita é a segurança completa na opinião extrema expressada. Essa segurança, que nada mais é do que a certeza na impossibilidade de errar, é a causa da inflexibilidade quanto aos próprios pontos de vista e da intolerância com o pensamento divergente. É importante ressaltar que a confiança irrestrita nas opiniões surge no partilhamento das mesmas pelo "mundo" vivenciado pelo sujeito. Sendo um lugar diferente para cada indivíduo, o "mundo" representa um recorte do que está disponível, como um partido ou uma classe social. Desta forma, quando todos que circundam um indivíduo acatam as mesmas ideias e elas não são questionadas, essa confiança tende a surgir. (MILL, 1968 citado por WEFFORT, 2001). Por outro lado, “aqueles que têm falta de confiança e são inseguros quanto ao que deveriam pensar, tendem a moderar suas visões” (SUNSTEIN, 2011, p. 41, tradução nossa).

O envolvimento afetivo com certo tema, por sua vez, é condição necessária para o surgimento de um pensamento extremista. “As hipóteses sobre a constituição dos percursos passionais dos discursos intolerantes são a de que os sujeitos intolerantes são sempre sujeitos apaixonados e a de que predominam nesses discursos as paixões ditas malevolentes (antipatia, irritação, ódio, raiva, etc.).” (BARROS, 2011, p. 31). Como posto por Sunstein, quanto maior o sentimento de ultraje – ou seja, injustiça, ofensa, afronta – maior tende a ser o deslocamento rumo a

um ponto extremo. (SUNSTEIN, 2011, p. 174). Nesse sentido, uma deliberação tende a se extremar quando pode solucionar uma questão que está causando um incômodo afetivo.

Através dessa perspectiva dos aspectos confiança irrestrita e envolvimento afetivo, algumas classificações mais específicas podem ser delineadas visando a definição do conceito extremismo. É importante explicitar que essas classificações representam as diferentes faces encontradas em um comportamento extremista, e podem estar totalmente ou parcialmente presentes, de forma gradual, a depender da situação.

Da confiança irrestrita desponta, primeiramente, a arrogância. O sentido da arrogância é o senso de superioridade e a conclusão de que as opiniões contrárias vêm da ignorância e do desconhecimento. Essa arrogância tenta se justificar de diversas formas, entre elas a educação formal, a obtenção de informações que o outro indivíduo não possui e o argumento de maior instrução de certa classe social.

Outra consequência da confiança total, a intransigência é a recusa por revisões ou moderações na própria opinião. À vista disso, há a negação de negociações. O acordo e o meio-termo não existem para o intransigente, que chega a ter exigências inclusive quanto ao prazo para a realização de seus objetivos.

Como produto do envolvimento afetivo com o tema, temos o sentimento de impaciência. A impaciência presente no extremismo é o entendimento de que as mudanças devem ocorrer através de rupturas, não existindo transformações graduais (BOBBIO, 1995, p. 52). Posto o sentimento de ultraje frente a determinada situação, uma resposta impaciente para transformá-la ou evitar sua transformação é compreensível, no sentido da eliminação de um incômodo afetivo.

Unindo os dois aspectos gerais vistos anteriormente, chega-se à intolerância. Se, através da confiança irrestrita, a opinião expressada é dada como a única certa, todas as outras são, por conseguinte, erradas. Ainda, quando uma deliberação acontece visando o fim de um incômodo afetivo, a própria existência de resistências a essa ação é um incômodo em si. Logo, em decorrência

dessas circunstâncias, conclui-se que a divergência não é tolerada e precisa ser eliminada. Esse fator presente no extremismo é o que, no limite, causa a violência verbal e física.

De modo mais subjetivo está a mentalidade extremada, que corresponde a uma maneira extremada de interpretar a realidade. Aqui, a presença do maniqueísmo é visível: existe o grupo a favor de certa causa e o grupo contrário a ela, e qualquer posição mais ponderada é posicionada do lado oposto ao do sujeito. Destaca-se a percepção de que qualquer ente divergente é extremista, e somente um lado é moderado e racional.

Desta mentalidade extremada, que também é influenciada pelo envolvimento afetivo, manifesta-se a tendência a acreditar em teorias da conspiração. As teorias da conspiração vêm no sentido de aliviar o sentimento de ultraje e oferecer mais razões para sua existência, racionalizando esse processo. E essa racionalização faz sentido mesmo sustentando falsas teorias e opiniões extremas, uma vez que os extremistas não sofrem de algum tipo de irracionalidade, mas de um pensamento lógico baseado em informações incompletas e tidas como verdadeiras (SUNSTEIN, 2011).

Através das cinco classificações formuladas acima (arrogância, intransigência, impaciência, intolerância e mentalidade extremada), outra característica que pode vir a resultar do pensamento extremista é depreendida: a aversão aos valores democráticos e à democracia enquanto método para se chegar a uma decisão política (BOBBIO, 1995, p. 58).

O processo democrático pressupõe “a igualdade moral intrínseca de todas as pessoas; a igualdade expressa na premissa de que as pessoas adultas têm direito à autonomia pessoal na determinação do que é melhor para si” e, conseqüentemente, a garantia de igualdade nos direitos políticos dos cidadãos (DAHL, 2012a, p. 496). O senso de superioridade relacionado ao fator arrogância é antidemocrático porque resulta em uma valoração diferente para diferentes cidadãos, moralmente e politicamente, de modo explícito ou não.

A intransigência, que engloba, inclusive, o período exigido para realizar uma ação (impaciência), resulta na defesa de objetivos com alto custo ou até mesmo inaceitáveis para os

outros atores envolvidos. Esse comportamento de aversão a negociações e trocas pode causar uma intensa polarização entre grupos opostos.

Em uma democracia, preferências conflitantes devem ser resolvidas através da tentativa de obtenção de consenso em âmbito institucional. Entretanto, uma polarização de grupos intransigentes trava esse processo. Em decorrência dessa situação, surge o risco dos valores democráticos serem negligenciados – o que pode ser visto, por exemplo, em um discurso que apresenta o desejo de subverter a lei por parte daqueles que não aceitam os resultados normais do jogo político competitivo. (COUTO, 2015).

Por sua vez, a intolerância pode ser entendida como o anseio por uma sociedade homogênea. Nesse sentido, vê-se a não aceitação da divergência e a tentativa de diminuí-la ou erradicá-la. Existe aqui uma concepção orgânica da sociedade que estima a harmonia, condena o conflito e impõe a concórdia. Em oposição, a visão liberal defende que o “o contraste entre indivíduos e grupos em concorrência entre si [...] é benéfico e é uma condição necessária do progresso técnico e moral da humanidade, o qual apenas se explicita na contraposição de opiniões e de interesses diversos” (BOBBIO, 2000a, p. 28).

A democracia pode ser considerada como o prosseguimento e o aperfeiçoamento do Estado liberal se pensada pelo lado de sua fórmula política. Os dois conceitos se sobrepõem. Por um lado, “o melhor remédio contra o abuso do poder sob qualquer forma [...] é a participação direta e indireta dos cidadãos”. Por outro, as liberdades de imprensa, de opinião, reunião, associação e outras liberdades básicas do Estado liberal são condições essenciais para uma real participação política. (BOBBIO, 2000a, pp. 43, 44).

Assim como o liberalismo, a democracia é uma visão individualista. enxerga o Estado como resultado das ações dos indivíduos e não admite uma homogeneidade organicista que tem como significado uma submissão geral que cerceia as liberdades individuais. Por essa razão, atitudes intolerantes, ou seja, que desejam extinguir as diferenças, são consideradas antidemocráticas.

A aversão à democracia encontrada na mentalidade extremada, assim como a encontrada na arrogância, se liga à não consideração do outro como politicamente igual, mas “irracional” e “alienado” e, logo, incapaz de ter percepções ou expressar opiniões válidas.

Ainda, a percepção distorcida da realidade que vem dessa mentalidade – como as crenças em acontecimentos facilmente negáveis, ou negação de acontecimentos facilmente comprováveis –, gera discursos que não são baseados na racionalidade comunicativa, atrapalhando a comunicação política na esfera pública e o avanço da democracia deliberativa (AVELAR, 2015, p. 16).

A percepção de valores antidemocráticos nas classificações que definem o extremismo não leva a concluir que todo comportamento extremista está relacionado ao anseio declarado pelo fim desse sistema ou à busca por outro regime. Entretanto, o processo democrático não é “uma entidade descorporificada, à parte das condições históricas e dos seres humanos historicamente condicionados”, necessitando de algumas condições para se manter e avançar. Entre elas está a existência de uma cultura política e de um sistema de crenças que sejam favoráveis aos seus valores e um nível tolerável – não extremo – de conflitos do pluralismo subcultural (DAHL, 2012b, p. 496).

É importante se preocupar com comportamentos extremistas em subgrupos da população porque “as alterações na opinião pública pressionam as bases oposicionistas a modificar suas propostas” (SANTOS, 2014, p. 320). Através do mercado eleitoral, propostas de governo da política tradicional são influenciadas de fato.

2.3 O processo de polarização, o extremismo e as informações

Tendo em vista as razões da importância da tolerância e uma definição detalhada de um comportamento extremista, é preciso pensar se existe um processo mais ou menos padronizado que é capaz de explicar o movimento de mudança dos indivíduos e dos grupos para pontos extremos. Dois conceitos satisfazem essa proposição: *homofilia*, elaborado pelo autor Miller McPherson, e *polarização dos grupos*, elaborado pelo autor Cass R. Sunstein.

Nessa seção, a explicação desses dois conceitos é realizada, juntamente com uma análise sobre a causa da movimentação aqui tratada, que é a chegada das *informações* nos grupos que se polarizam.

O processo de aproximação entre pessoas que têm pontos em comum em dimensões relevantes é natural. O sociólogo Miller McPherson denomina esse processo *homofilia*. A homofilia pode acontecer por casualidades, como um emprego que aproxima indivíduos que possuem as mesmas opiniões, ou pode ser resultado de escolhas pessoais. (MCPHERSON, 2001, citado por SUNSTEIN, 2011, p. 129).

A homofilia pode ser evitada ou incentivada a depender do contexto social. Se existem condições para o encontro de pessoas com visões diferentes, essa tendência será minimizada. Por outro lado, se as normas sociais encorajam esse tipo de comportamento, ela poderá se ampliar (SUNSTEIN, 2011, p. 130).

Através do conceito de *polarização dos grupos*, essa situação pode ser melhor compreendida. A polarização dos grupos acontece quando indivíduos que compartilham de uma mesma opinião (sobre um caso, uma conjuntura, um atitude do governo, etc) têm a chance de se contatarem, trocarem informações e deliberam sobre a questão. Como resultado dessa aproximação, esses sujeitos – e, portanto, o grupo – terminam a deliberação em uma posição mais extrema, na mesma direção de suas inclinações iniciais.

Se um membro do grupo se sentia ultrajado e injustiçado antes de uma discussão, ao encontrar as pessoas que compartilham de sua opinião e sentimento, ele tenderá a se sentir ainda mais ultrajado e injustiçado – e, por esse processo, o grupo todo se extremará.

Esse movimento é comprovado, empiricamente, por diversas pesquisas. É através dele que se explicam as divergências entre as atitudes realizadas individualmente e as atividades realizadas em grupo. É clara a percepção de que, acompanhadas por um grupo homogêneo, as pessoas agem de uma forma que não agiriam caso estivessem sozinhas. É através desse conceito, também, que a

presente pesquisa entende o processo que leva ao extremismo de sujeitos e grupos no contexto político atual.

Compreender as razões que explicam esse processo, no entanto, pode ser mais complicado do que comprovar que ele de fato ocorre. Além disso, podemos nos questionar se uma mudança para uma posição mais extrema é necessariamente ruim, independente do contexto.

Para responder a essas indagações, as *informações* que chegam até esses grupos e indivíduos parecem ser uma variável chave. Cass Sunstein alega que o principal motivo que causa o extremismo em um processo de polarização dos grupos é a informação parcial que chega até eles. Por tenderem a se isolar em bolhas, como explicado através do conceito de homofilia, a chegada de informações que contradizem o ponto inicial desses indivíduos é relativamente menor.

Ademais, mesmo que essas informações venham a aparecer, elas podem ser facilmente negadas em sua veracidade, consideradas manipuladas e deslegitimadas, tomando como base, unicamente, sua fonte.

A incorporação de novas informações é um processo complexo e extremamente importante para entender a polarização dos grupos. Por essa razão, é válido dedicar um tempo a esse propósito.

Segundo Robert Dahl, a aquisição de crenças políticas depende de um conjunto de pressupostos. Ao tratar da temática, o autor têm como ponto de partida os períodos de receptividade pelos quais os indivíduos passam ao longo da vida, a saber, a juventude, “período normal de socialização precoce” no qual há um processo de aprendizado gradual, teste de realidade e cristalização dos conhecimentos, e uma situação mais incomum, onde, já tendo adquirido uma crença anteriormente, por alguma razão o indivíduo vem a perdê-la, e pelo sentimento de perda, há um processo de busca por uma nova crença (DAHL, 2012b, p. 160).

Apesar de tratar de uma situação mais específica, sua teoria sobre a aquisição de crenças pode ser usada para entender o processo de incorporação de novas informações pelos sujeitos. Novas informações, essas, que não vem necessariamente para transformar a ideologia do sujeito,

mas para moderá-lo em uma situação de polarização de grupos. Essa relação pode ser feita porque, por “crenças”, o autor está se referindo ao conjunto de informações que estruturam nossa realidade.

“As crenças guiam a ação não só porque influenciam ou dão corpo aos valores e metas mais distantes de alguém, mas também porque as crenças estruturam nossos pressupostos sobre a realidade, sobre o caráter do passado e do presente, nossas expectativas sobre o futuro, nossa compreensão dos “comos” e “porquês” da ação: em suma, nosso “conhecimento.”

Desta forma, devemos responder, segundo o autor, quais são os fatores que influenciam o conteúdo das crenças individuais que uma pessoa detém.

Primeiramente, para acreditar em uma ideia ou em uma visão política, é necessário que o sujeito tenha sido exposto a ela. Em outras palavras, ela deve ser difundida no ambiente do sujeito.

Em segundo lugar, a influência que o portador original da crença exerce naquele ambiente é essencial para medir o alcance que ela terá. Mais, o prestígio da crença em si também é essencial, e depende, “entre outras coisas, do prestígio de seus defensores e antagonistas e dos êxitos ou fracassos das pessoas, organizações e instituições que simbolizam a crença” (DAHL, 2012b, p. 163).

Por fim, a coerência entre a nova crença, ideia ou informação e a percepção anterior do sujeito sobre a realidade é outro fator que também tem impacto sobre o processo de aquisição de uma visão política.

Em síntese, o autor traça o seguinte esquema para demonstrar as chances de aquisição de uma determinada crença por um indivíduo, ou “ator”:

1. O quanto o ator fica exposto à crença, que por sua vez
 - a. exige que a crença tenha sido formulada e difundida para o ambiente do ator; e
 - b. depende do grau de influência que os portadores da crença exercem em processos de socialização.
2. O relativo prestígio da crença, que depende de
 - a. o prestígio pessoal de seus defensores e adversários; e
 - b. os êxitos e fracassos das pessoas, organizações e instituições que simbolizam a crença.
3. O quanto a nova crença é coerente com as percepções do ator sobre a realidade na medida em que essas são configuradas por
 - a. as crenças atuais do ator; e
 - b. as experiências do ator.

Relacionando o sistema estruturado acima com a situação de polarização de grupos estudada anteriormente, algumas asserções podem ser feitas.

Em primeiro lugar, a homofilia, já explicada, é um fator que têm influência direta sobre a absorção de informações, uma vez que ela é restritiva a chegada de pontos de vistas oposicionistas ao estabelecer um ambiente homogêneo. Desta forma, ela compromete a exposição a novas informações que o ator deve ter para adquirir novas crenças ou, principalmente, para ter pontos opostos que evitem um movimento injustificado para pontos extremos.

Em segundo lugar, a homofilia cria condições para o surgimento da confiança irrestrita em um ponto de vista, que é pressuposto para um comportamento extremista. Em outras palavras, através do compartilhamento da mesma opinião pelo universo no qual o indivíduo está inserido, surge a negação do questionamento sobre ela e a certeza em sua veracidade completa. Através desse recurso, a negação de pontos de vista diferenciados se torna mais fácil, uma vez que há a segurança na própria posição, e ideias contrárias perdem prestígio. Nega-se a informação antes mesmo de avaliá-la, apenas pela sua fonte ou por pertencer a um “grupo oposto”.

Vê-se, aqui, que a homofilia pode barrar ao menos dois requisitos para a obtenção de novas crenças e informações: a exposição a diferentes ideias e, em um segundo momento, a existência de prestígio nos grupos e pessoas que as defendem.

O último ponto levantado por Dahl, a coerência entre as novas crenças e a realidade percebida pelo indivíduo, pode ser aprofundado através do conceito de *dissonância cognitiva*. Por cognição, entendemos o conjunto de conhecimentos que um indivíduo possui sobre o ambiente que o rodeia e sobre si mesmo. Seu sistema cognitivo engloba suas experiências pessoais e psicológicas, o sistema social que o cerca, suas convicções, seus sentimentos, em suma, o que “pensa, acredita e sente” (CHIAVENATO, 2009, p. 193).

A teoria da dissonância cognitiva defende que os indivíduos desejam que seu sistema cognitivo seja coerente entre si, e se esforçam nesse sentido, buscando a consonância. Quando não

há lógica entre as cognições e a realidade – ou as cognições e novas informações-, estamos diante de uma dissonância cognitiva, e estes esforços entram em ação.

A busca pela consonância cognitiva pode acontecer de duas maneiras. A primeira é transformar as cognições, modificando os pontos de vista pessoais. A segunda é suprimir e rejeitar as informações que não se encaixam na visão de mundo do indivíduo (DEUTSCH, 1978, p. 73), “rejeitando a percepção da realidade” (CHIAVENATO, 2009, p. 194).

Em outras palavras, “a pessoa testa consciente e inconscientemente as novas crenças (ou informações) com respeito a sua coerência com as antigas e rejeita, de ordinário, as novas quando sente que são incoerentes. Quando novas ideias entram em choque com crenças antigas e solidamente aceitas, é necessária uma carga enorme de percepções contraditórias para provocar uma perda de crença” (DAHL, 2012b, p. 165). Aqui, novamente, vê-se que a homofilia prejudica essa grande carga de informações contraditórias que é necessária para que qualquer movimento para pontos extremos seja justificado.

Ainda, é interessante notar que durante esse processo alguns pontos se tornam inquestionáveis e qualquer aspecto que os contradigam são eliminados instantaneamente. São os chamados axiomas. Schumpeter, relacionando esse fato ao processo de seletividade de informações, afirma que “a informação eficiente é quase sempre adulterada ou seletiva [...], o raciocínio eficiente em política consiste sobretudo em exaltar certas proposições e transformá-las em axiomas, e eliminar outras” (SCHUMPETER, 1961, p. 315).

Por fim, podemos concluir a seção reiterando algumas passagens. A homofilia é um comportamento da natureza humana e pode ser incentivada ou desincentivada a depender do contexto. A internet, como veremos posteriormente, é um quesito decisivo na criação de ambientes propícios à homogeneidade. A homofilia, é, também, é um fator que pode resultar na polarização de grupos, com consequentes movimentos do grupo e dos indivíduos para pontos mais extremos em relação a crenças (valores, entendimento da realidade, expectativas, etc).

O que explica esse processo é o fluxo de novas informação nos grupos uniformes. Além desse fluxo ser reduzido, foi demonstrado que a homofilia dificulta a assimilação de novas informações de mais de uma forma, cristalizando pontos inquestionáveis na cognição do grupo.

Detalhado todo esse processo, a abordagem utilizada pode ser transferida para uma perspectiva mais abrangente. Desta forma, é possível estudar o papel da mídia, dos líderes políticos, da classe política, entre outros, na dispersão de informações na sociedade, e a provável consequência desse modelo na polarização dos grupos.

2.4 Cascata de informações: o papel dos líderes de opinião e da mídia

Até o presente momento, a análise se focou na opinião de pequenos grupos compostos por membros da “população” em geral. No entanto, devemos nos lembrar que alguns outros grupos possuem uma influência muito maior na opinião pública ou na definição de qualquer agenda política.

É inegável que a mídia, grupos de interesses econômicos e grupos aglutinados em torno de ideias expressam opinião de forma muito mais persuasiva do que “os eleitorados” em geral (SARTORI, 1994, p. 126). O mesmo acontece com “ativistas e líderes” de uma dada crença política (DAHL, 2012b, p. 132).

À vista disso, devemos discutir o fluxo de comunicações em uma sociedade formada por população e elites, a fim de compreender como o fato descrito acima influencia a assimilação de informações e a formação de opinião dos menores grupos estudados anteriormente.

Primeiramente, partimos da asserção da existência de elites, compostas por uma minoria muito pequena que detém algumas características em proporção muito maior do que o resto da população. Essas características são: riqueza, poder, status, honradez, bem-estar, conhecimento, habilidade profissional e afeição. Na prática, as elites que detêm cada característica em maior proporção se superpõem, e uma pessoa que faz parte de uma elite provavelmente não fará parte somente dela (DEUTSCH, 1978, p. 135).

No modelo de fluxo de comunicações utilizado nessa seção, temos cinco patamares hierarquizados formados pela opinião do público ou da elite. Cada um desses patamares é como um reservatório de água, que pode receber fluência de um reservatório anterior e/ou desbocar no patamar posterior.

Esse modelo é conhecido como “queda-d’água” ou “cascata de Deutsch”. Mais detalhadamente, ele dita que cada patamar é formado por um complexo de instituições sociais e grupos de status particular. São eles, do nível mais alto ao nível mais baixo da cascata: a elite socioeconômica, o sistema político e o governo, os meios de comunicação de massa, os líderes de opinião e a população (DEUTSCH, 1978, p. 135).

A comunicação flui melhor entre o mesmo reservatório, e também dos grupos com mais poder e status para os grupos inferiores no modelo. A elite socioeconômica, por exemplo, comunica-se diretamente com o sistema político e o governo, pois seus membros se entrecruzam. Os meios de comunicação, por sua vez, agem diretamente sobre os líderes locais de opinião, uma vez que estes propagam ou negam sua informação.

Apesar da hierarquia, os patamares não são isolados entre si. A população, por exemplo, apesar de ser o último reservatório, possui canais de expressão – de baixo para cima – com o sistema político, com os meios de comunicação e com os líderes de opiniões: a democracia participativa e consultiva, no primeiro caso, e a negação da audiência, nos demais casos.

Além disso, esses patamares têm certa autonomia em relação aos demais. Cada um deles apresenta um processo próprio de entrada de mensagens e experiências, que são contrastados com informações anteriores para, por fim, produzir o comportamento resultante do incentivo inicial.

“Cada um dos cinco grupos [...] tem sua própria memória e sua própria medida de autonomia. Cada um pode rejeitar, ignorar ou reinterpretar muitas mensagens indigeríveis, talvez quase todas. Cada um é capaz de inovação e de iniciativa. E cada um pode também realimentar com uma corrente de informações alguns ou todos os grupos em um nível mais alto (DEUTSCH, 1978, p. 138)”

Em outras palavras, cada patamar possui sua própria forma de assimilação, interpretação e expressão. No que diz respeito aos pequenos grupos compostos por parte da “população”, os

processos de assimilação e interpretação já foram discutidos. Resta, agora, compreender o processo de expressão – e as diferenças que ele pode assumir a depender do patamar tratado.

Ao avaliar sujeitos que possuem diferentes posições relativas à enunciação, é importante ressaltar que o dizer de cada um é contingenciado de uma forma. Isso é, o lugar simbólico que cada sujeito ocupa na comunicação permite expressões diversificadas (FREIRE, 2014, p. 7).

Enquanto, na linguagem entendida como idioma, qualquer sentença pode ser proferida, nas vivências diárias das pessoas essa afirmação não é verdadeira. Isso ocorre porque há limites éticos, morais, políticos, entre outros, para a formação do discurso. Desta forma, o que um cidadão escreve em seu próprio Facebook é contingenciado de uma maneira diferente da que se verifica quando a enunciação provém de um líder de um movimento com estratégia política própria, ou de uma figura política tradicional.

Apesar disso, a formação discursiva por traz de dois pronunciamentos de origens diversas pode ser a mesma. Em outras palavras, a regularidade entre um certo número de enunciados evidencia uma mesma ideologia nos discursos, por mais que a maneira de se expressar mude conforme o ambiente (FREIRE, 2014, p. 13).

Unindo esse entendimento sobre os discursos ao modelo de queda-d'água, alguns pontos podem ser formulados. Apesar da comunicação assumir características próprias em cada patamar, é possível projetar o caminho que alguns enunciados percorrem desde os reservatórios superiores até o último reservatório. Através desse esforço, demonstra-se uma interdependência e retroalimentação entre os níveis do modelo, mas também uma responsabilidade dos níveis superiores do modelo na comunicação extremista percebida na “população”.

Para isso, entende-se que cada patamar, através das próprias contingências, permite uma forma de expressão de extremismo. Enquanto, em níveis superiores, crenças extremistas ou tolerantes a ações extremistas precisam se esconder por trás de uma linguagem justificada e levemente ponderada, como estratégia de legitimidade, no último patamar essas limitações são imensamente menores.

Uma vez demonstrado que a opinião da população, ou dos subgrupos que compõem a população, não são isolados na realidade, mas reforçados por uma cascata de influências, cabe responder de que forma esse processo se encaixa na polarização dos grupos estudada anteriormente.

Para responder essas e outras questões, a teoria deve se aproximar da prática, uma vez que o sentido de sua existência é compreendê-la e explicá-la.

2.5 O papel da internet na polarização de grupos e no consumo de informações

Para seguir o propósito de estudar o aumento do extremismo no debate político que ascendeu durante o governo da presidenta Dilma Rousseff, compreender o papel da internet nesse processo acabou por ser indispensável. É essa importância da rede que conecta a teoria vista anteriormente à prática que se quer compreender.

Entre os anos de 2010 e de 2014, milhões de brasileiros puderam ingressar no mundo online. A internet teve importante papel nas campanhas políticas oficiais e extraoficiais da última eleição presidencial. Em três meses e meio de campanha, o Brasil apresentou uma média de 5,96 milhões de interações no Facebook por dia sobre o assunto, ultrapassando o recorde de movimentação que antes pertencia à Índia.

Dos brasileiros que acessam a internet diariamente, 67% o fazem em busca de informações e, entre as redes sociais e os programas de troca de mensagens instantâneas mais utilizados, o Facebook vem em primeiro lugar (83%). Cabe ressaltar que apenas 7% dos entrevistados declararam ter o hábito de leitura de jornais (em papel).

Não é coincidência que grandes movimentos de oposição ao governo Dilma e ao PT foram construídos através do Facebook. Foi por essa plataforma que o público das manifestações opositoras – do fim de 2014 à consolidação do governo interino – foram convocadas.

Foi nessa rede social, também, que pudemos identificar a construção de uma narrativa extremista, que combinava as características classificadas na parte teórica – arrogância,

intransigência, impaciência, intolerância e mentalidade extremada – em sua participação em discussões e análises.

Todo esse material empírico nos traz o questionamento sobre o potencial democrático da internet. Com um amplo aumento da comunicação entre indivíduos e com a melhora da acessibilidade a dados e informações, a internet deveria ser um espaço de debate saudável e qualificado – uma democracia participativa da nova era digital.

A despeito dessa perspectiva, há mais complexidade na interpretação do uso da internet. Levantar essa complexidade não significa negar seu potencial de democratização, mas compreender a realidade aqui apreendida para identificar desafios e entender o nosso objeto de estudo.

As mudanças decorridas a partir da difusão da internet são muitas: econômicas, sociais, políticas, culturais. Essa difusão e essas mudanças são processos ainda em crescimento e transformação, tentando ser compreendidos pelos estudiosos do tema.

O potencial político da internet pode ser interpretado através de duas chaves, a otimista e a pessimista. Segundo autores otimistas, a principal promessa que a internet tem cumprido é a da ampliação da comunicação e da disponibilidade de informações sem precedentes. Além disso, ela teria o potencial de romper com o poder da mídia tradicional, permitindo manifestações autônomas de “jornalistas rebeldes, ativistas políticos e pessoas de todo tipo como um canal para difundir informações e rumores políticos” (CASTELLS, 2003, p. 129, citado por PINHO, 2011, p. 99).

As redes permitiriam, também, a desterritorialização de comunidades, viabilizando o surgimento de grupos políticos descontados os custos da aproximação presencial (PINHO, 2011, p. 99). Agora, a passividade característica do telespectador da televisão seria trocada pela atividade do cidadão conectado e crítico, que expõe as próprias opiniões e cria o próprio jornal (PINHO, 2011, p. 100). O resultado de todos esses fatores seria a democratização e a criação de uma instância igualitária.

Os autores pessimistas, por sua vez, apresentam críticas e problematizações para cada um dos aspectos levantados. Como consequência da ampliação da disponibilidade de informações, eles

defendem que a *personalização* da vivência na internet através de filtros individualistas mina a pluralidade necessária para a democratização. A qualidade da mídia alternativa que surge com a rede é questionada, juntamente com sua autonomia. O potencial de criação de grupos políticos é repensado, assim como a noção do fim da passividade na era online.

Com base nas relações estudadas na pesquisa, argumentos utilizados por autores pessimistas puderam ser observados em ação. Por essa razão, um aprofundamento de cada um dos pontos dessa abordagem, sumarizada acima, é interessante. Através desse foco, podemos utilizar o material empírico recolhido para iniciar uma discussão mais palpável.

Em primeiro lugar, a ampliação da comunicação e da quantidade de informações disponíveis é um fato. A valoração inerentemente positiva desse acontecimento, porém, é questionável. Uma crítica frequente diz respeito à quantidade de informações que conseguem ser processadas pelos seres humanos. Atualmente, com a diminuição dos custos de comunicação entre largas distâncias e para um grande público, assistimos à multiplicação da produção de informações e notícias: é o chamado “choque de atenção”, ou sobrecarga da capacidade de assimilação (PARISER, 2011, p. 25).

Esse processo influencia o potencial democrático percebido anteriormente porque, através dele, a *personalização* do consumo de informações vem se tornando inevitável. Percebendo a possibilidade de ampliação do mercado, diversas empresas do ramo de tecnologia construíram algoritmos chamados de “filtros bolha”, que escolhem o conteúdo a ser apresentado para cada indivíduo tendo como base as suas escolhas anteriores. Em 2011, a personalização era a estratégia utilizada pelos cinco maiores sites na internet – incluindo o Google e o Facebook.

Esse mecanismo pode ser conveniente quando o indivíduo presta o papel de consumidor, encontrando promoções e informações sobre o produto desejado de forma direcionada. No entanto, no que diz respeito ao seu papel de cidadão, a personalização transforma a mídia em uma reiteração frequente dos mesmos pontos de vista.

“A democracia requer que seus cidadãos sejam capazes de enxergar as situações por um outro ponto de vista, mas, ao invés disso, estamos cada vez

mais limitados as nossas próprias bolhas. A democracia requer uma confiança em fatos compartilhados; ao invés disso, estamos vivendo em universos paralelos e separados” (PARISER, 2011, p. 00, tradução nossa).

Para entender a extensão da personalização no acesso a mídia, precisamos pensar que 47,3% do nosso público alvo utiliza o Facebook como fonte de informação. Mais, os próprios sites de jornais renomados já utilizam a personalização para construir as notícias destaque que indica para cada leitor, e 56,2% do público aqui estudado afirma acessar esse conteúdo para se informar.

Como fica claro, a utilização da rede pautada nessas condições gera um ambiente propício ao surgimento da *homofilia* e diminui a possibilidade de exposição a ideias diversas. Por mais que essas consequências possam ser causadas por uma atitude consciente dos sujeitos – tanto virtualmente quanto no dia-a-dia – o que agrava a problemática dos filtros bolha é que as pessoas usualmente não escolhem entrar nessa dinâmica e não sabem que estão sob sua influência (PARISER, 2011, p. 23).

Outro ponto defendido pelos entusiastas da internet é o rompimento com o poder da mídia tradicional, possibilitando que qualquer cidadão se torne um ativista ou jornalista com um público cativo. Para contrastar esse argumento com as relações observadas, podemos trazer a discussão para o contexto brasileiro, onde esse movimento da mídia alternativa é observado claramente em pelo menos dois momentos da história recente.

O primeiro deles data de 2006, nas eleições presidenciais que colocaram Lula (PT) e Geraldo Alckmin (PSDB) no segundo turno. Foi durante esse período que se verificou de forma mais explícita o surgimento da *blogosfera*: um conjunto de blogs e publicações a favor do Partido dos Trabalhadores que contestou a cobertura da mídia tradicional sobre os casos de corrupção envolvendo o partido e as análises sobre ele como um todo.

Segundo Robert Grün, a blogosfera seria:

“uma nova dimensão de interação social da esfera pública propiciada pelo desenvolvimento da Internet na qual agentes – na sua maioria, não previamente qualificados pelas escalas sociais geralmente aceitas – podiam expor os seus pontos de vista sobre a campanha, os contendores e os pontos que deveriam estar presentes na discussão” (GRÜN, 2008, p. 3).

A mídia tradicional é frequentemente acusada de ter uma ideologia profissional que tende à escandalização da política e a excessiva cobertura do erro (MIGUEL, 2008, p. 255). No outro lado, a blogosfera se colocou como um meio de expressão alternativo, que só conseguiu ganhar projeção através da utilização da internet.

Em um outro momento, que abrange principalmente o primeiro mandato da presidenta Dilma Rousseff, verificou-se um aumento significativo de uma mídia alternativa de oposição em blogs e no próprio Facebook. Segundo Marcelo Santos Jr., “o fenômeno aqui investigado indica a articulação de centenas de páginas contra a figura de Dilma Rousseff e do PT, com um público de milhões de fãs, algo inexistente do lado continuísta” (SANTOS, 2014, p. 311).

Uma hipótese para o crescimento das páginas oposicionistas é justamente uma reação à blogosfera petista. Após anos de virada à esquerda dos governos brasileiros, há o surgimento e crescimento de grupos independentes de oposição. Esses grupos objetivam ocupar um espaço de debate público e disputar a narrativa virtual sobre os rumos do governo – dominados anteriormente pela blogosfera (SANTOS, 2014, p. 311).

É interessante notar que, apesar do posicionamento distinto de ambos os lados, a mídia tradicional é apontada como parcial e inconfiável pelos dois espectros da mídia alternativa. E se, por um lado, o espaço para a expressão de líderes de opinião e ativistas políticos pode ser interpretado como uma inflexão no andamento comum da cascata de informações, por outro lado a qualidade dessa expressão deixa a desejar.

Tanto a blogosfera quanto a chamada “rede de oposição radical” se colocam como centrais de informações sem apresentarem o comprometimento com a ponderação e a neutralidade exigida para a mídia tradicional. Ambas apresentam conteúdos conspiratórios e divulgam boatos, entre outras imprecisões. As páginas de oposição, por serem o foco da pesquisa, serão exploradas em maiores detalhes posteriormente.

É nesse ponto que se questiona o potencial democrático do rompimento com a mídia tradicional. Sem dúvidas, há incontáveis conteúdos de qualidade que agora não precisam estar

vinculados aos os meios de comunicação de massa para ganharem projeção. O que se coloca, aqui, é um questionamento à romantização de qualquer expressão dos meios alternativos, sem que se avalie o conteúdo dos mesmos.

Continuando a análise dos argumentos sobre a utilização da internet, vemos também uma expectativa em relação à facilidade de surgimento de grupos políticos através do contato virtual. A observação em relação a esse argumento diz respeito à oportunidade de se enquadrar em grupos online que não contestam nenhuma visão do indivíduo.

Em um grupo de encontros, a limitação física da organização dificulta a subdivisão dos membros. O custo de encontrar outras pessoas que concordam com cada especificidade do tema é maior do que o custo de permanecer em um grupo mais plural, dentro do mesmo posicionamento.

Com a internet, independente da especificidade das crenças, grupos são criados com simplicidade, homogeneizando as discussões. “Visões que seriam facilmente dissolvidas, simplesmente por falta de apoio social, podem ser encontradas em grande número na internet, mesmo se elas forem consideradas exóticas, indefensáveis e bizarras para a maioria das comunidades” (SUNSTEIN, 2011, p. 172, tradução nossa). Novamente, as consequências da polarização de grupos entram em ação.

Por fim, alguns autores questionam a positividade do papel ativo do sujeito em sua relação com a internet, e outros negam, inclusive, sua real atividade. Para o primeiro grupo, é justamente a possibilidade de se expressar, em fóruns, discussões e comentários, que permite a criação de uma “câmara de eco” que radicaliza posições entre grupos homogêneos. A passividade, por outro lado, suavizaria essa radicalização (SUNSTEIN, 2011, p. 57).

Para o segundo grupo, a papel ativo do sujeito na internet seria contestado pela existência dos filtros bolha. Se o conteúdo não é resultado da escolha, mas de seleções automáticas, o controle ativo da mídia acessada tende a ser cada vez menor (PARISER, 2011, p. 93).

Através do contraste entre as teorias sobre o uso da internet e a realidade dos grupos aqui estudados, alguns processos compreendidos pelos autores considerados pessimistas puderam ser

identificados. À vista disso, é necessário aprofundar o diagnóstico desse novo nicho oposicionista a fim de demonstrar de que forma isso acontece.

3.0 ANÁLISE DA PRÁTICA E DO DISCURSO

Tendo diagnosticado os argumentos sobre a democratização da internet e os relacionados ao nosso objeto de estudo, é preciso demonstrar e detalhar, primeiramente, de que modo as características que compõem um comportamento extremista aparecem no contexto virtual aqui estudado.

Com a progressão do referencial teórico, defendeu-se que os casos de extremismo – no discurso e na ação – não foram desenvolvidos autonomamente por cada indivíduo, mas estão inseridos em um contexto de polarização de grupos e de influências que são coniventes e/ou incentivam esse tipo de comportamento.

Dentro de um limite de extensão do trabalho e de obtenção de material empírico, é essa relação que tenta ser demonstrada nessa segunda parte da pesquisa. Para isso, o ambiente estudado foi reintroduzido com mais detalhes e alguns fluxos de influência de informações foram evidenciados.

3.1 População

Para cumprir o propósito descrito acima, os comentários avaliados nessa seção foram recolhidos das interações nos canais de comunicação da revista Veja, uma vez que ela é apontada como canal de imprensa que mais desperta confiança entre grande parte do público oposicionista. (51,80% confiam muito e 31,90% confiam pouco)².

² Pesquisa realizada na manifestação oposicionista do dia 12 de abril de 2015, uma das maiores do ano, sobre confiança nas instituições, soluções para a crise, atitudes políticas em temas morais e polarização. Entende-se que o público atingido por essa pesquisa apresenta uma boa aproximação para o público aqui estudado, englobando-o. ORTELLADO, Pablo. SOLANO, Esther. Pesquisa com os participantes da manifestação do dia 12 de abril de 2015 sobre confiança no sistema político e fontes de informação, 2015. Disponível em: <<http://www.lage.ib.usp.br/manif/>>. Acesso em: 06/01/2016.

Para delimitar um foco para a coleta de informações, o período considerado vai de agosto de 2014 a agosto de 2015. Entende-se que essa delimitação encerra o momento da campanha eleitoral e parte das manifestações oposicionistas mais significativas de 2015.

A seção de comentários de blogs e sites de notícias por vezes realiza a função de fóruns de discussão, em um contexto que tende a homogeneidade de ideias. Desta forma, assistimos ao processo de polarização dos grupos diariamente – resultando no diagnóstico aqui sintetizado.

Cada uma das características que definem um comportamento extremista – arrogância, intransigência, impaciência, intolerância e mentalidade extremada – puderam ser encontradas na ação virtual do público alvo estudado. Parte desse comportamento está sintetizada na Imagem 1.

Imagem 1: exemplos de comentários com teor extremista e com formações discursivas padronizadas

<p>Temos o PT governando há doze anos e bem vimos o que aconteceu: o partido colocou o Estado, sua burocracia e seus recursos para o propósito megalomaniaco de fazer do Brasil o centro da revolução latino-americana.</p>	<p>Eleições foram roubadas, somos chamados de idiotas úteis pagadores de impostos. Lula é o pai os filhos são mst, farc, pcc e afiliados</p>	<p>Se a imprensa falada se cala, a imprensa escrita deve continuar divulgando essa sujeirada, afinal vcs tbm são brasileiros, fora pt!</p>	<p>Isso mesmo, não vamos dar paz para corja do PT. Vamos detona-los sempre que os encontrar, até noutro país.</p>
<p>Boçazinhos, escravizados, lobotomizados, adoradores de antas e bestas ‘vermelhas’ ignorantes, socialistzinhos incompetentes e burros</p>	<p>corruPTos</p>	<p>Pena que os grupos de extermínios só agem contra ladrões de periferias</p>	<p>CONTRA O COMUNISMO BOLIVARIANO, FORO DE SÃO PAULO E A CORRUPÇÃO.</p>
<p>A primeira coisa a lembrar é que nunca existiu nenhuma "Comissão da Verdade", mas apenas uma "Comissão da Meia Verdade" visando indenizar petistas e aliados por males reais ou imaginários e condenar seus inimigos históricos.</p>	<p>Saiam enquanto ainda é possível sair. Salvem suas famílias. O Brasil acabou.</p>	<p>Esse Lula é um tremendo VAGABUNDO bandido safado tinha que ser julgado e pegar pena de morte</p>	<p>Enquanto o Supremo Petista continuar não vai acontecer nada!</p>
<p>Vão implantar a ditadura no inferno, bandida vagabunda</p>	<p>Indguinem-se, mostrem esses lixos da sociedade politica... A todo o brasileiro ... já que a mídia televisiva é comprada por eles</p>	<p>Quem votou no PT não vai acordar por causa do Bolsa Família</p>	<p>É PRECISO BANIR ESSA CAMBADA QUE SE ENCONTRA NA POLÍTICA</p>
<p>Os eleitores dessa turma não sabem ler. Só pode ser isso. Até a OAB já se associou a esta Máfia que se instalou no país.</p>	<p>alguém ainda tem duvida que a lésbica e o bêbado não sabiam de nada?</p>	<p>LIXOS HUMANOS</p>	<p>Querem uma ditadura petista! Eu poderia responder um processo, mas iria dar um murro na cara desse filho da puta.</p>

Fonte: elaboração própria através de comentários em postagens no Facebook, 2016.

No que se classifica como arrogância, vemos um padrão claro de desqualificação do “outro” como ignorante, não estudado e incapaz de tomar decisões racionais, em detrimento de uma visão que acata a igualdade de direitos políticos entre as pessoas e a autonomia pessoal na tomada de decisões.

A intransigência aparece mesclada à impaciência, uma vez que a impaciência pode ser considerada uma exigência invariável em relação a prazos. Essas duas características aparecem em comentários que se enquadram no seguinte padrão: negação de qualquer revisão em pontos da própria opinião; afirmação de que as eleições de 2014 foram burladas, que contam com teorias completas e improváveis; pedido precoce de impeachment, quando a base jurídica para tal era questionável, inclusive na visão da oposição; negação de qualquer direito para os políticos que foram acusados de envolvimento em casos de corrupção.

Esse comportamento indica que o envolvimento afetivo com a causa em questão impõe o desejo de cessar o incômodo de modo rápido ao público estudado. Essa condição faz com que não haja a compreensão da importância de processos definidos pela lei, por exemplo.

A intolerância, por sua vez, pode ser percebida nos comentários com teor violento e que incentivam a violência e a hostilização de figuras públicas ligadas ao PT. Além disso, há a clara negação da convivência com grupos e pessoas que não compartilham das mesmas opiniões que o sujeito quanto ao partido.

Na mesma linha, as afirmações que demonstram a existência de uma mentalidade extremada colocam qualquer ponderação do lado oposto à díade “nós-eles”. Pertencer ao “outro lado” toma uma conotação pejorativa e permanente, acompanhada de suposições sobre a capacidade cognitiva e os interesses encobertos de quem não se coloca completamente do lado “correto”. Um exemplo desse comportamento é a frequente afirmação da falta de neutralidade da Rede Globo em relação ao noticiário que envolve o Partido dos Trabalhadores.

Para além do reconhecimento de um comportamento extremista entre o público estudado, algumas expressões, linhas de raciocínio e teorias da conspiração puderam ser percebidas na análise

do material empírico. O detalhamento desse padrão é importante, dada a sua permeabilidade no grupo estudado.

Aqui, novamente, o entendimento do processo de assimilação de informações é fundamental. A disseminação dessas narrativas, pejorativas e falaciosas, depende, entre outras coisas, da tendência inicial do grupo estudado. “O fator decisivo na criação da verossimilhança social de versões aparentemente fantasiosas é a existência de um nicho cultural disposto a acatar, ou não, as versões que são postas na mesa” (GRÜN, 2008, p. 630).

O que se coloca, então, é a identificação desse nicho cultural e o detalhamento das formações discursivas comuns e do compartilhamento de um mesmo imaginário, assim como sua ligação com influências externas ao subgrupo da população.

Primeiramente, nota-se a existência de uma moralidade seletiva nesse imaginário. Ao justificar as críticas ao Partido dos Trabalhadores, há uma prevalência da defesa da moralidade e da luta contra a corrupção. O que se percebe, entretanto, é que a defesa desses valores é frágil em relação aos políticos alinhados ideologicamente aos autores das críticas. O símbolo desse comportamento é a defesa do ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha (PMDB), apesar das acusações de corrupção que o mesmo sofria.

Quanto às formações discursivas comuns, entre as expressões pejorativas mais usuais está “esquerda caviar” – utilizada para menosprezar sujeitos da classe alta que se classificam em um espectro ideológico à esquerda. A expressão “bolivariano” e suas variações também são utilizadas com muita frequência, como sinônimo impreciso de uma ideologia de esquerda que ganhou espaço na América Latina na última década.

Juntamente a isso, a comparação dos governos do PT aos governos de Venezuela, Cuba e Bolívia é muito comum. Segundo essa linha de raciocínio, o projeto de poder do Partido dos Trabalhadores culmina em um “golpe comunista”. Por vezes, defendeu-se que esse golpe já estava em curso ou que vivíamos em uma ditadura.

Outra crença reiterada entre o público estudado é o potencial real, autoritário e perigoso do Foro de São Paulo, que teria o objetivo de implantar o comunismo na América Latina. O Foro de São Paulo é uma organização criada em 1990 pelo Partido dos Trabalhadores com o intuito de reunir partidos de esquerda dos países latino-americanos para promover fóruns de discussão.

Por fim, o entendimento da Comissão Nacional da Verdade – comissão que investigou a violação de direitos humanos durante a ditadura militar – como uma farsa ou um apelo “vitimista” da esquerda é um raciocínio facilmente encontrado.

Em relação à existência de boatos e teorias conspiratórias que ganham espaço entre os subgrupos da população aqui estudados, é interessante verificar uma pesquisa realizada em uma das maiores manifestação contrárias ao governo da presidenta Dilma, em abril de 2015.

Em pergunta que permitia a escolha das opções “concordo, não concordo e não sei”, 64,10% dos entrevistados disseram concordar com a frase "O PT quer implantar um regime comunista no Brasil". 71,3% das pessoas acreditam que "Fabio Luis Lula da Silva, o Lulinha, é sócio da Friboi". 55,9% concordam que "O Foro de São Paulo quer criar uma ditadura bolivariana no Brasil". 53,3% acham que "O PCC é um braço armado do PT". E, por fim, 42,6% acreditam que "O PT trouxe 50 mil haitianos para votar na Dilma nas últimas eleições".

Todo esse diagnóstico traz a reflexão sobre a origem dos discursos extremista e dos padrões de narrativas exagerados ou inteiramente fantasiosos. Percebe-se, em primeiro lugar, que esses tipos de formações discursivas não são contingenciados, mas encontram apoio e espaço para se propagarem em seu ambiente virtual natural.

Seguindo o raciocínio aqui apresentado, é interessante dedicar um tempo à análise das páginas no Facebook, ou “rede de oposição radical”, que cativam esse público.

3.2 Páginas

Nos últimos anos e em especial durante os mandatos da presidenta Dilma Rousseff, uma rede oposicionista radical ganhou espaço na plataforma Facebook, divulgando uma retórica

contrária ao governo vigente, ao Partido dos Trabalhadores como um todo e a ideologia de esquerda em geral.

Essa rede oposicionista consiste em centenas de páginas, com milhares ou milhões de fãs, que se unem para divulgar conteúdos anti-PT que tendem ao extremismo identificado nos subgrupos da população estudada.

Esse conjunto de páginas merece destaque pelo alcance que consegue – algumas chegam a ter milhões de curtidas – e também pela sua capacidade de mobilização. A página Revoltados ONLINE, por exemplo, está ao lado do Movimento Brasil Livre (MBL) e do movimento Vem pra Rua no crédito da convocação dos primeiros protestos contra a presidenta Dilma no início de 2015.

Como já introduzido, uma hipótese para o surgimento dessa grande “rede de oposição radical” é a saturação de uma narrativa à esquerda na Brasil e na América Latina, juntamente com uma resposta à mídia alternativa pró-PT que conquistava a hegemonia da internet até então. Algumas análises consideram que o incentivo inicial para essa mobilização se deu em Junho de 2013, na guinada à direita das manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL).

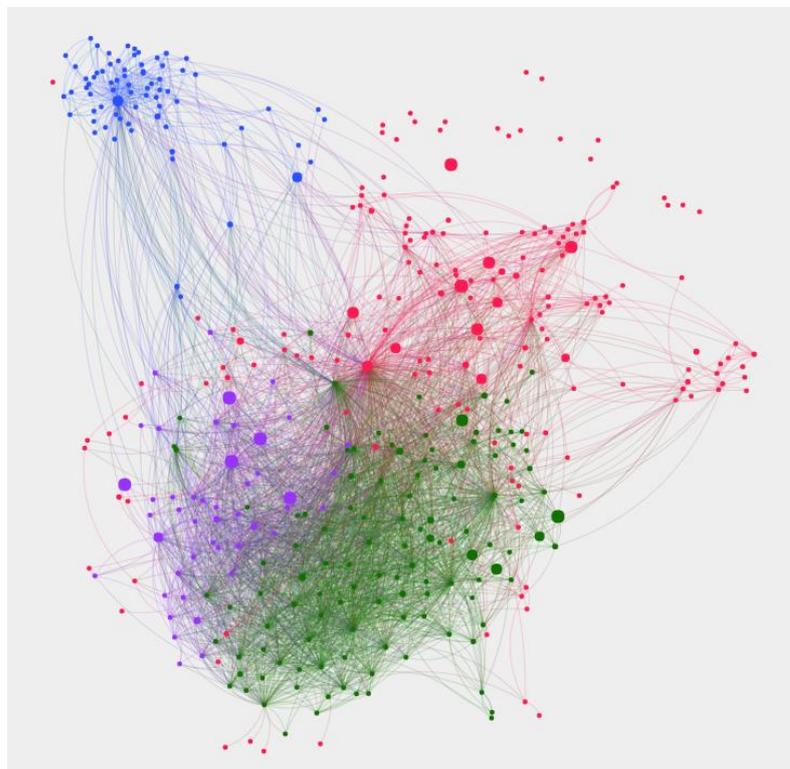
Para mapear essa rede, partimos da construção de um grafo interativo que compila e destaca as páginas mais influentes dentro do contexto da articulação conservadora no Facebook. O grafo foi construído e divulgado pelo professor Fábio Malini, coordenador do Laboratório de Estudos de Imagem e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo, em junho de 2015.

Um grafo interativo, ou cartografia, é construído utilizando-se diversos *softwares* de análise de conteúdo virtual. O primeiro passo se dá através de uma análise qualitativa de um conteúdo pré-selecionado automaticamente. Em um segundo momento, filtra-se o ranking inicial pelo número de perfis falando sobre a página – ou seja, seu alcance.

O passo posterior é a utilização de uma ferramenta que analisa as ligações entre as páginas e gera uma cartografia, com base em algoritmos escolhidos pelo desenvolvedor. Nessa cartografia, que nada mais é do que uma imagem lúdica que representa sua distribuição, é possível verificar a

relevância das páginas. Optou-se pelo não aprofundamento da explicação dessa metodologia, uma vez que o grafo interativo foi desenvolvido anteriormente à pesquisa.

Imagem 2: Grafo interativo – páginas conservadoras no Facebook



Fonte: Pública – agência de reportagem e jornalismo investigativo, 2015.

Na imagem acima, cada ponto representa uma página. A influência é demonstrada pelo tamanho dos pontos e pelas ligações entre eles. Durante a interação dinâmica, é possível selecionar uma página e avaliá-la individualmente³.

As quatro cores que podem ser vistas foram identificadas pelo Labic de acordo com as afinidades políticas de cada agrupamento de páginas. Os agrupamentos que têm relação com o objetivo da presente pesquisa estão representados em verde e em vermelho.

A perspectiva destacada em verde inclui páginas que se autodenominam de direita e conservadoras. Defendem a pátria, a valorização da nação e combatem transformações sociais. Na perspectiva destacada de vermelho encontram-se as páginas mais populares, irradiadoras de notícias antipetistas e em defesa dos principais valores do conservadorismo.

³ Disponível em: <<http://apps.apublica.org/network/>>. Acesso em: 10/07/2016.

Para a nossa análise qualitativa, foram selecionadas as páginas de maior influência entre esses agrupamentos. A Tabela 1 organiza essas páginas através da transcrição de suas informações. A coluna “categoria” diz respeito à classificação escolhida pelos próprios administradores no momento de criação da página na própria plataforma.

Tabela 1: detalhamento das páginas de oposição radical no Facebook

Página	Curtidas	Categoria	Data de Início
Movimento Endireita Brasil	380.302	Organização Política	Indisponível
Faca na Caveira	1.274.485	Site de notícias/mídia	2014
Admiradores da Rachel Sheherazade	847.651	Jornalista	Indisponível
O Brasil Acordou	422.623	Site de notícias/mídia	Indisponível
Ter opinião não é crime	286.329	Blogueiro	Indisponível
Movimento Contra a Corrupção	1.572.013	Causa	2010
Folha Política	1.100.117	Mídia/Notícias/Publicidade	2013
TV Revolta	3.481.326	Canal de TV	2010
Política na Rede	426.104	Mídia/Notícias/Publicidade	Indisponível

Fonte: elaboração própria, 2016.

Em se tratando de páginas virtuais, há uma grande capacidade de transformação. Em geral, essas manifestações espontâneas dos usuários possuem um ciclo de vida: nascem, crescem, se adaptam e morrem (SANTOS, 2014, p. 316). Desta forma, a tabela acima, criada em janeiro de 2015, pode apresentar mudanças significativas se comparada à realidade virtual apreendida alguns meses depois.

A primeira transformação que pode ser notada é o número de curtidas. Se houve movimentação na página, a regra é que seu alcance aumente significativamente com o passar do tempo. A outra mudança percebida é exclusão de algumas páginas e o reinício de outras. Enquanto a exclusão pode se dar por vontade própria dos administradores, o reinício geralmente acontece pelo impedimento da página pelo próprio Facebook.

Por levantarem polêmicas, esses grupos estão sujeitos a denúncias de outros usuários da rede social, possivelmente combinadas anteriormente dentro de grupos com outras inclinações políticas. Esse movimento causa a derrubada da página pelo Facebook, que acata a denúncia com base em

suas regras de uso. Desta forma, algumas páginas são reiniciadas, tentando recuperar o tamanho que possuíam.

Pelas razões expostas acima, optou-se pela não atualização da tabela. Desta forma, com base na seleção das nove páginas evidenciadas por ela, realizou-se uma análise geral através de alguns padrões que puderam ser identificados nesse tipo de manifestação virtual.

Todas as páginas aqui avaliadas defenderam o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, com maior ou menor foco. Essa defesa se dá pela divulgação de textos que tentam provar o ponto em questão, de imagens com argumentos rápidos ou convocações para as manifestações.

Das nove páginas avaliadas, seis expõem que prezam pela diminuição do Estado, criticando o governo petista através de uma perspectiva liberal. Cabe ressaltar que a coerência na defesa das crenças nem sempre é clara, e a propensão liberal em alguns assuntos se transforma na defesa oposta em outras questões.

As três páginas que não prezam pela diminuição do Estado apresentam um ponto em comum: grande preocupação com a segurança pública, exaltação da PM e desumanização da figura de criminosos. Podem ser relacionadas com a chamada “paranoia securitária”⁴.

Disso resulta que 8 das 9 páginas se mostraram favoráveis ao armamento da população. A maioria baseada, principalmente, em ideais de liberdade individual e a minoria partindo de um raciocínio que entende que “o cidadão de bem” precisa se proteger. A página Política na Rede não mostrou posicionamento sobre essa questão.

Fazendo o recorte para o enaltecimento de vídeos e imagens que mostram a ação da polícia e a repressão ao crime, comumente acompanhados de frases que incitam a violência contra os criminosos, obtemos sete páginas de nove. Pelo menos duas defendem a pena de morte. As duas mais moderadas, de notícias, não apresentam esse teor.

O discurso religioso aparece em uma das páginas, *Admiradores da Rachel Sheherazade*. A existência dessa inclinação pode se dar pelo fato da jornalista ser evangélica e divulgar suas crenças

⁴ Termo utilizado pelo filósofo e professor livre-docente da Universidade de São Paulo (USP) Vladimir Safatle para definir esse conjunto de comportamentos.

publicamente, despertando admiradores que concordam inclusive com as suas inclinações religiosas.

O golpe militar não é defendido abertamente. Entretanto, a época da ditadura militar brasileira é celebrada em um vídeo da página *Faca na Caveira*: “Onde o exército faz, dá certo. Onde o exército faz, não há superfaturamento. Onde o exército faz, tudo é entregue em dia!”.

Foram encontradas notícias falaciosas, sem fonte confiável, em pelo menos duas das nove páginas. Um exemplo é a argumentação contrária à chamada “bolsa bandido” – a explicação errônea do auxílio reclusão. Notícias que caluniam políticos e seus familiares por corrupção são usuais.

O discurso explicitamente contrário a minorias (antifeminista e que ridiculariza a luta LGBT) e/ou contrário às cotas raciais aparece em cinco páginas. Disso resulta que sete enfatizam a figura do deputado Jair Bolsonaro (PSC) de algum modo: seja pedindo sua candidatura à presidência e defendendo-o de qualquer acusação, seja divulgando vídeos e elogiando sua atuação.

Por fim, palavras ofensivas e de baixo calão (*vagabundos, vaca, corja, escória, petralhas*) aparecem em seis dos nove nomes avaliados.

Cabe ressaltar que, por vezes, o limite entre a classificação de liderança local e mídia alternativa não é claro. O papel dessa articulação virtual parece ser uma convergência entre a propagação de notícias e ideais e a mobilização virtual e física.

Na análise das páginas selecionadas, algumas particularidades e regularidades puderam ser notadas. Por essa razão, dedica-se um tempo a um maior detalhamento dessa rede oposicionista no Facebook, através da descrição das páginas *Movimento Endireita Brasil*, *Faca na Caveira*, *Ter opinião não é crime*, *Folha Política* e *Política na Rede*.

Movimento Endireita Brasil

O *Movimento Endireita Brasil* é mais do que uma página influente no Facebook. Com sede fixa, seu fundador, Ricardo Salles, participa de diversos programas de TV divulgando seus ideais.

Já se candidatou a deputado federal (PFL) e estadual (DEM), declarando ser o único candidato abertamente de direita no Brasil.

Defendendo a “primazia das liberdades individuais sobre o interesse coletivo” no que diz respeito à iniciativa econômica e a defesa de um Estado mínimo, a conservação de “sólidos valores morais e éticos” enuncia um discurso contrário ao casamento homoafetivo e à descriminalização do aborto e das drogas⁵.

Em 2011, Salles foi nomeado secretário particular do governador Geraldo Alckmin (PSDB), gerando polêmica – inclusive dentro do partido. O incômodo se deu pelas declarações do novo secretário em relação à ditadura militar brasileira. Já chegou a discursar, em evento público: “não vamos ver generais e coronéis acima dos 80 anos presos por crimes de 64, se é que esses crimes ocorreram”⁶. Na página do movimento, a Comissão Nacional da Verdade é entendida como uma “Comissão da Vingança”.

Em postagem de abril de 2016, o grupo ofereceu R\$ 1.000,00 a quem hostilizasse Ciro Gomes (PDT) no restaurante em que se encontrava. "Se alguém estiver por perto, hostilize o cara. Mas ele é esquentadinho. Filmem". Antes da publicação ser apagada, lia-se nos comentários: "Não estamos fazendo nada ilegal. Se quiser hostilizar o Lula, nos limites da lei, pago também"⁷.

Faca na caveira

Apesar de estar relacionada a articulações que se dedicaram exclusivamente à oposição ao governo Dilma, a página *Faca na Caveira* não tem esse foco. Seu objetivo parece ser a defesa do armamento da população e a exaltação das Forças Armadas, da Polícia Militar e suas subdivisões. A

⁵ Facebook. Informações da Página. Movimento Endireita Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/endireitabrasil/info/?tab=page_info>. Acesso em: 21/01/2016.

⁶ Agência Estado. Tucanos criticam assessor de Alckmin que negou crimes na ditadura. Gazeta do Povo, PSDB. 04/04/2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/tucanos-criticam-assessor-de-alckmin-que-negou-crimes-na-ditadura-ed79krb0i9gfs7swo4wzbaoum>>. Acesso em: 20/01/2016.

⁷ SEABRA, Cátia. Grupo pró-impeachment oferece R\$ 1.000 por hostilidade contra Ciro Gomes. Folha de S. Paulo, São Paulo, 02/04/2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1756898-grupo-anti-pt-oferece-r-1-mil-por-hostilidade-contra-ciro-gomes.shtml>>. Acesso em: 26/07/2016.

página é representativa em relação a um grupo oposicionista ligado à cartografia vista anteriormente.

Esse grupo costuma defender uma ideologia que entende que o crime é exclusivamente uma escolha pessoal e deve ser combatido com veemência. Considera que “bandido que dá tiro para matar tem que tomar tiro para morrer”. É a favor da pena de morte e da redução da maioria penal e divulga vídeos e imagens fortes que exaltam a atuação da Polícia Militar.

De maneira menos contundente, inserem um discurso contrário às reivindicações das minorias políticas e associam o Partido dos Trabalhadores com a ideologia comunista e com os governos de Cuba e da Venezuela. É comum encontrar conteúdos que incentivam a violência, como em uma postagem que se referia ao Movimento Passe Livre:

“Esse povo merecia apanhar sem piedade pra ver se viram gente, pois a maldade e a podridão desses esquerdistas ultrapassaram os limites do aceitável para serem considerados seres humanos: são apenas demônios que deveriam ser mandados pro inferno!”

Ter opinião não é crime

Além da divulgação de conteúdos anti-PT, a página *Ter opinião não é crime* tem como foco o ataque ao discurso abraçado pela esquerda a favor da igualdade. Essa inclinação aparece em diversas páginas da rede de oposição no Facebook, demandando uma análise mais detalhada.

O padrão percebido nesse conjunto de páginas é a reprovação da luta pelos direitos do que a esquerda reivindica como minorias políticas – mulheres, homossexuais e negros. Essa reprovação aparece no entendimento de que a igualdade formal já está posta, classificando toda discussão equitativa como uma busca por privilégios sociais.

Constantemente, a defesa desse ponto não levanta debates pautados na construção de argumentos, mas utiliza *memes*⁸, textos curtos e uma estratégia de humor satírico. Outra característica é a repercussão de conteúdos contrários a qualquer outro discurso usualmente relacionado à esquerda.

⁸ Imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da *internet*, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem. Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.

Folha Política e Política na Rede

As páginas *Folha Política* e *Política na Rede* têm por objetivo a divulgação de notícias. Por essa razão, não afirmam nenhuma opinião declaradamente. Suas inclinações podem ser percebidas através do tipo de conteúdo que publicam, a exemplo da divulgação de entrevistas favoráveis ao armamento da população e a diminuição do tamanho do Estado, além de todo tipo de crítica oposicionista, inclusive em relação ao Programa Bolsa Família.

A existência desses canais de propagação independente de notícias reabre a discussão sobre a qualidade da mídia alternativa que ganha espaço através da internet. Em pesquisa sobre páginas oposicionistas no Facebook, Marcelo Santos define a *Folha Política* de uma forma que pode ser expandida para outras páginas do mesmo teor:

“O núcleo da Folha Política funciona como fonte principal de informações de grande parte das páginas da lista de influenciadores do discurso do ódio. A fanpage no Facebook possui mais de 620 mil curtidas [1 milhão e 200 mil, atualmente] e se dedica ao compartilhamento de notícias de seu site. O portal reivindica o título de jornalismo independente, não obstante, reúna múltiplas matérias curtas de propaganda negativa contra o governo. [Há páginas que] destinam-se apenas a reproduzir os textos da Folha Política, aumentando sua audiência e atingindo outros nichos (SANTOS, 2014).”

3.3 Movimentos sociais

Para analisar, rapidamente, o papel dos movimentos sociais na cascata de informações que influencia o entendimento do objeto de estudo, dois deles foram selecionados. A escolha final se deu pelo teor do discurso propagado pelos movimentos, pelo alcance virtual que eles apresentam e pela sua capacidade de mobilização para as manifestações pró-impeachment em 2015, possuindo, inclusive, uma organização própria com carros de som e publicidade.

Esses movimentos são: Movimento Brasil Livre (MBL) e Revoltados ONLINE. Para cumprir o propósito dessa seção, um breve histórico dos movimentos foi desenvolvido, juntamente com uma análise sobre a reafirmação de narrativas encontradas nos subgrupos da população.

Movimento Brasil Livre

Atualmente se dizendo ativistas, nenhum líder do *Movimento Brasil Livre (MBL)* havia participado de uma manifestação antes de Junho de 2013. A PEC 37 foi a razão que levou boa parte da direita às ruas naquele mês, e motivou a indignação dos membros do grupo⁹.

A organização de manifestações anti-PT não é o único objetivo do movimento. Ele também é voltado à produção de conteúdos digitais que divulgam ideais liberais. Dizem objetivar a continuidade do movimento independente da conjuntura política não se declaram abertamente de direita.

A primeira manifestação que o MBL ajudou a organizar aconteceu em 1º de Novembro de 2014, sete dias após a reeleição da presidenta, em frente ao Museu de Arte de São Paulo (MASP). No início, suas pautas eram a divulgação dos acusados na operação Lavo Jato, a defesa da liberdade de imprensa e o fim do subsídio direto ou indireto a ditaduras – o que pode ser entendido como qualquer contato do governo brasileiro com Cuba e Venezuela.

Em Março de 2015, já fomentava as manifestações com base no discurso da defesa do impeachment. Para eles, o impeachment é um processo, sobretudo, político. Em seu discurso, a falta de legitimidade da presidenta foi apresentada diversas vezes como argumento para a defesa do impedimento, demonstrando impaciência em relação aos processos legislativos definidos em lei. Um dos líderes do grupo explicou, em Março de 2015: "Que prova você precisa mais? Bilhões de reais foram desviados [da Petrobras] e ela não sabia de nada?"¹⁰.

O movimento entende que os casos de corrupção que envolvem o Partido dos Trabalhadores são mais graves do que ocasionais desvios de dinheiro já denunciados em outras circunstâncias. "A gente salienta que o problema é o totalitarismo, o Partido dos Trabalhadores já passou por cima da república"¹¹.

⁹ Projeto de emenda constitucional restringia o poder de investigação do Ministério Público, deixando-o apenas nas mãos da Polícia Federal e da polícia civis dos Estados.

¹⁰ ZALIS, Pieter. GONÇALVES, Eduardo. Quais são e como pensam os movimentos que vão para a rua contra Dilma no domingo. *Veja*, Brasil. São Paulo, 11/03/2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/quais-sao-e-como-pensam-os-movimentos-que-vao-para-a-rua-contradilma-no-domingo/>> Acesso em: 14/01/2016.

¹¹ YouTube. 16/3/2015: Entrevista membros Movimento Brasil Livre e Vem Pra Rua. Vídeo (42min45s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eXWyxKpzjKs>>. Acesso em: 12/01/2016.

Disseminando formações discursivas muito presentes no imaginário dos subgrupos analisados, o movimento salienta: “Nós nunca, nunca vamos deixar que nosso país esteja sob uma ditadura totalitária que é o objetivo do PT”¹².

Ademais, um dos líderes ressalta em entrevista que a Comissão Nacional da Verdade é “de meia-verdade porque só foi ouvido um lado. [...] tem servido como instrumento para a esquerda se vitimizar. Sempre estão batendo em inimigos que não existem mais e continuam se colocando como vítimas de algo que acabou há 30 anos”¹³.

Por fim, em 2015, o movimento foi criticado por não incluir o nome do então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB), em manifestação contra a corrupção, demonstrando tender à moralidade seletiva já citada¹⁴.

Como pode ser percebido, o MBL reitera alguns comportamentos já identificados em níveis inferiores da cascata de informações. Ainda, é interessante ressaltar que 52,70% do público estudado confia muito no movimento¹⁵.

Revoltados ONLINE

O grupo *Revoltados ONLINE* se transformou em um movimento contra o governo petista em 2010. Atualmente, tem aproximadamente um milhão e 700 mil curtidas em seu Facebook, principal veículo de comunicação que utiliza. Defende o impeachment desde 2013, primeiramente por entender que a presidenta pode ser responsabilizada por repassar verbas a países africanos e a Cuba.

¹² YouTube. 06 DE DEZEMBRO. Vídeo (01min35s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q0fpihZZec>>. Acesso em: 16/01/2016.

¹³ MARTIN, MARIA. Não é uma banda de indie-rock, é a vanguarda anti-Dilma. El País, Brasil, São Paulo: 12/12/2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638_389650.html>. Acesso em: 14/01/2016.

¹⁴ SCHREIBER, Mariana. Protestos do dia 16 vão poupar Cunha e focar em impeachment, dizem lideranças. BBC Brasil, Brasília, 14/08/2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150814_protestos_domingo_ms_cc>. Acesso em: <26/07/2016>.

¹⁵ ORTELLADO, Pablo. SOLANO, Esther. Pesquisa com os participantes da manifestação do dia 12 de abril de 2015 sobre confiança no sistema político e fontes de informação, 2015. Disponível em: <<http://www.lage.ib.usp.br/manif/>>. Acesso em: 06/01/2016.

Em Outubro de 2014, o grupo passou a defender um golpe militar. Seu principal argumento era a fraude das urnas na eleição presidencial.

“As fraudes eleitorais do Foro de São Paulo consistem em um cavalo de troia no sistema das urnas, permitindo que uma rede intranet secreta se conecte durante a transmissão dos votos e os manipule, transformando votos válidos do adversário em abstenções. O sistema eleitoral e biométrico que utilizamos foi fundado por agentes da inteligência cubana (G2) juntamente com tecnocratas venezuelanos. Esse é o sistema utilizado para escravizar as nações e criar a Pátria Grande, um enorme e novo bloco soviético subjugado por um único comando central.”¹⁶

A página já chegou a defender o separatismo, dando a entender que o Programa Bolsa Família comprava eleitores. Entretanto, mudaram de ideia logo em seguida, afirmando que o Brasil deveria se unir contra o PT.

A afirmação de que a democracia atual não é “verdadeira” é frequente e acompanhada por textos que exaltam a última ditadura como único meio de encaminhar o país à seriedade. “Nós estamos vivendo uma ditadura agora”, defendeu o líder em manifestação no dia 29 de Novembro de 2014¹⁷. O discurso do grupo é de ataque a países como Venezuela e Cuba, sempre indicando que o Partido dos Trabalhadores pretende implantar o comunismo no Brasil e “transformá-lo” nesses países.

Apesar do que afirmava online, o grupo pareceu mudar de posicionamento a partir do dia 15 de Novembro de 2014, quando declarou em manifestação que “há muitos meios democráticos para tirar a presidente”¹⁸.

A página apresenta conteúdo racista e xenófobo, humilhando um haitiano que teria sido trazido pelo “governo comunista do PT”. “Haitiano, africano, tudo bandido”, declara Daniel Barbosa, um dos administradores, em um vídeo publicado na própria página do movimento.

¹⁶ Facebook. Revoltados ON LINE. 03/11/2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/revoltadosonline/photos/a.144712112222016.28960.144205978939296/1010117485681470/?type=3&permPage=1>> Acesso em: 13/01/2016.

¹⁷ PRADO, Carol. Grupo a favor de intervenção militar é expulso de protesto por impeachment de Dilma. Folha de São Paulo, Poder. São Paulo, 29/11/2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/11/1555419-grupo-a-favor-de-intervencao-militar-e-expulso-de-protesto-por-impeachment-de-dilma.shtml>>. Acesso em: 13/01/2016.

¹⁸ ZALIS, Pieter. GONÇALVES, Eduardo. Quais são e como pensam os movimentos que vão para a rua contra Dilma no domingo. Veja, Brasil. São Paulo, 11/03/ 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/quais-sao-e-como-pensam-os-movimentos-que-vaio-para-a-rua-contradilma-no-domingo/>> Acesso em: 14/01/2016.

Ainda, a página publica teses conspiratórias constantemente, como a do repasse de dinheiro público a grupos islâmicos. Em trabalho de campo no dia 16 de agosto de 2015, durante uma manifestação, um dos entrevistados confirmou sua crença nesse repasse espontaneamente. Explicou que o PT financiava a construção do Partido Islâmico Brasileiro. Nenhuma fonte confiável confirmou a teoria.

Por fim, o grupo apresenta um discurso violento, incentivando o assassinato de figuras públicas: “Estes 3 PATETAS deveriam ser fuzilados em praça pública por TRAIÇÃO ao nosso povo e país”¹⁹, afirma uma de suas publicações. Seu líder hostilizou o ministro José Eduardo Cardozo (PT), na Avenida Paulista, enquanto o mesmo saía para caminhar, em agosto de 2015²⁰.

Se em 2014 o Revoltados ON LINE ganhava destaque, postando vídeos ao lado do cantor Lobão, espécie de símbolo antigovernista, o grupo foi perdendo destaque ao longo de 2015. Suas publicações e atitudes podem ser enquadrados como extremistas, dado o teor arrogante, intolerante, violento e conspiratório que apresenta. Além disso, como fica claro, há a reiteração de diversas narrativas delineadas anteriormente.

3.4 Mídia

Como já introduzido, diferentes locais de enunciação exigem diferentes usos da linguagem. Um jornalista ou comentarista político vinculado a um grande veículo de comunicação precisa seguir padrões profissionais que delimitam seus modos de expressão.

No entanto, isso não significa que as formações discursivas evidenciadas até agora não são identificadas no nível da mídia tradicional. Elas são, mas rebuscadas de estratégias de legitimidade e de expressões contingenciadas, exigidas pelo contexto.

Para a doutora e professora de comunicação Ivana Bentes, a “cultura do ódio” que identificamos em comentários de blogs e de páginas no Facebook é retroalimentada por publicistas

¹⁹ Facebook. Revoltados ON LINE. 09/11/2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/revoltadosonline/posts/733618873331334:0>> Acesso em: 29/07/2016.

²⁰ Bergamo, Mônica. Ministro da Justiça vira vizinho de ativista pró-impeachment de Dilma. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27/02/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2015/02/1595490-ministro-da-justica-vira-vizinho-de-ativista-pro-impeachment-de-dilma.shtml>>. Acesso em: 28/07/2016.

que se baseiam em clichês e em uma retórica de anúncio de uma catástrofe iminente, incentivando o medo, a insegurança e o ressentimento²¹, a despeito da linguagem sofisticada.

Para mapear essa retroalimentação, partimos da análise do discurso de alguns comentaristas políticos que possuem credibilidade com os grupos pesquisados, considerada a impossibilidade de englobar todos eles. Desta forma, foram escolhidos os publicistas Arnaldo Jabor, Reinaldo Azevedo e Raquel Sheherazade. Todos eles são citados pelo público estudado em resposta aberta sobre a confiança em publicistas, na pesquisa do dia 12 de abril de 2015²².

Nossa análise toma como ponto de partida um texto publicado por Jabor no jornal O Globo no dia 14 de outubro de 2014, no âmbito das eleições presidenciais. Considera, também, as manifestações da radialista Sheherazade durante sua atuação no programa “Jornal da Manhã”, na Jovem Pan, e os textos publicados por Reinaldo Azevedo em sua coluna na revista Veja.

Evidencia-se, aqui, que os meios de comunicação utilizados por esses publicistas para manifestar opiniões faz parte da mídia tradicional e é de amplo alcance. Segundo um estudo da Agência Nacional de Jornalismo, o jornal O Globo é o segundo maior do Brasil na classificação “circulação paga”. A ordem é calculada através das edições impressas e digitais²³.

A estação de rádio Jovem Pan, e mais especificamente o programa “Jornal da Manhã”, que é transmitido em AM e FM, é comumente líder da audiência da cidade de São Paulo, como aconteceu durante a atuação de Sheherazade em dezembro de 2014²⁴. A Veja, por sua vez, é a revista de

²¹ As polarizações não dão conta das mudanças de imaginário. Entrevista especial com Ivana Bentes. Instituto Humanitas Unisinos, Entrevistas. 05/11/2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/537080>> Acesso em: 12/01/2016.

²² ORTELLADO, Pablo. SOLANO, Esther. Pesquisa com os participantes da manifestação do dia 12 de abril de 2015 sobre confiança no sistema político e fontes de informação, 2015. Disponível em: <<http://www.lage.ib.usp.br/manif/>>. Acesso em: 06/01/2016.

²³ Agência Nacional de Jornais. MAIORES JORNAIS DO BRASIL, 2014. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 21/01/2016.

²⁴ A Jovem Pan é 3 vezes líder! Disponível em: <<http://jovempan.uol.com.br/page/jovem-pan-e-3-vezes-lider/>>. Acesso em: 25/07/2016

circulação semanal mais vendida do país²⁵. O acesso a sua versão online e seu site não ficam atrás: somam centenas de milhões de cliques²⁶.

Dispondo desse alcance de público, Arnaldo Jabor manifestou seu ponto de vista em relação aos governos do Partido dos Trabalhadores durante a campanha eleitoral de 2014²⁷:

“É necessária uma cartilha bem clara para a população que se perde nesse sarapatel de mentiras e manipulações da candidata a presidenta. Por exemplo, o povo não entende frases como: “Nosso produto interno bruto é mínimo por falta de corte nos gastos fiscais”. Ninguém sabe o que é isso, principalmente no Nordeste-Norte. Ao contrário do que diz Dilma, os pobres que não puderam estudar são, sim, absolutamente ignorantes sobre os reais problemas brasileiros.”

Em seguida, em forma de diálogo, compõe uma cartilha para explicar os reais problemas brasileiros aos “ignorantes”. Informa que a presidenta Dilma gosta de países como Cuba, Venezuela e Argentina porque “é possuída por uma loucura antiga chamada ‘revolução socialista’” e esclarece que é preciso temer a instauração do comunismo, que é capaz de “contaminar o mundo inteiro”.

Quanto ao projeto de poder do PT, elucida a fundação de “uma espécie de bolivarianismo tropical (que quer) obrigar o povo a obedecer ao Estado dominado por eles”, ou seja, um “governo [...] que controla tudo, que controla até o papel higiênico e carimba o braço dos fregueses nos supermercados para que eles só comprem uma vez e não voltem, porque há muito pouca mercadoria”.

Para o detentor do conhecimento do diálogo de Jabor, o Brasil vai se tornar “uma nova Venezuela”. “O programa do PT é um plano de guerra. Eles odeiam a democracia”. Os “comunas” “querem se eternizar no poder”.

Para além da atuação do Partido dos Trabalhadores, a própria ideologia da “esquerda psicótica” é um “tumor inoperável em suas cabeças”, é o “ópio dos intelectuais”.

²⁵ ANER, Revistas Semanais. Disponível em: <<http://aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao/>>. Acesso em: 25/07/2016.

²⁶ PubliAbril, Audiência Geral. Disponível em: <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja>>. Acesso em: 25/07/2016.

²⁷ JABOR, Arnaldo. Dilma viu a uva do vovô. O Globo, Coluna Arnaldo Jabor. Rio de Janeiro, 14/10/2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/dilma-viu-uva-do-vovo-14236613>>. Acesso em: 22/01/ 2016.

Revela, por fim, que o PT consegue o voto dos pobres por responsabilidade do Programa Bolsa Família, e que a “luta eleitoral” não é entre regiões ou classes sociais, mas entre “pobres analfabetos” e “pessoas mais sensatas e informadas”.

Em um primeiro momento, é de se pensar que o texto descrito acima é exceção em meio ao jornalistas brasileiros que cativam parte do público de oposição ao PT. Entretanto, esses padrões são reiterados em muitos outros momentos.

Em um só texto, Jabor sintetiza as seguintes formações padronizadas: há eleitores – principalmente pobres, do Norte e Nordeste, e beneficiários do Bolsa Família – que não têm capacidade cognitiva pra definir, através de um processo democrático, o que é melhor para si e qual a melhor escolha a ser tomada.

Raquel Sheherazade, durante sua atuação como radialista da Jovem Pan, exprime opinião semelhante, afirmando que, “com o dinheiro dos impostos, [os políticos do PT] financiaram, em troca de votos, programas sociais sem a contrapartida dos beneficiários” e que o partido “se locupletava [do programa], chantageando pobres e miseráveis em troca de votos”. “O Nordeste só serve aos governantes como curral eleitoral para eleger e manter corruptos e populistas no poder”, afirma em um outro momento.

Em outro padrão de linguagem, Jabor explicita que precisamos temer os governos do Partido dos Trabalhadores, pois há um risco iminente de uma guinada autoritária no poder, em prol da implantação do comunismo. Alguns recursos são utilizados na afirmação desse ponto, como a invocação de países como Cuba e Venezuela e a utilização da interpretação da palavra bolivarianismo.

Analisando as falas de Sheherazade em seu programa no rádio, vemos um esforço constante em associar os governos do PT aos países citados acima. Segundo a publicista, o partido “sempre flertou com o sistema de governo da Venezuela, uma ditadura disfarçada sob a alcunha de Bolivarianismo”. Afirma, ainda, que “o que realmente interessa ao PT é a domesticação de qualquer oposição, o silêncio de toda crítica, a censura: ampla, geral e irrestrita”.

Reinaldo Azevedo também costuma associar os governos petistas ao autoritarismo de alguns governos latino-americanos, utilizando da retórica do medo. Em um episódio significativo, o publicista associa a existência de um Instituto de Estudos Latino-Americanos e de um seminário chamado “Jornadas Bolivarianas”, na Universidade Federal de Santa Catarina, ao uso de “drogas pesadas”. Enquanto o uso de algumas outras drogas seria inofensivo, o “bolivarianismo” presente na universidade mataria, “como prova a Venezuela”.

Há, também, no texto de Jabor, a demonstração de ódio a qualquer ideologia à esquerda, juntamente com uma retórica da ameaça do caos que apela para o envolvimento afetivo dos leitores. Sheherazade, na mesma linha, utiliza expressões como “*xiitas* e idiotas úteis da esquerda”, “estúpida esquerda” e “esquerda-caviar”, associando-a, novamente, ao autoritarismo.

Reiterando outro raciocínio compartilhado, a ameaça da existência do Foro de São Paulo aparece, também, na mídia tradicional. É interessante notar que o surgimento desse imaginário se deu na mídia alternativa, mas a disseminação de suas ideias alcança jornalistas conceituados entre grande parcela do público. Rachel Sheherazade, por exemplo, utilizou de sua visibilidade para defender a cassação do registro do PT com base em sua relação com o Foro de São Paulo.

Na mesma fala, anuncia que o PT comanda o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), “uma entidade paramilitar treinada para atividades de guerrilha”, que está disposta como um “exército” voltado a “interferir na política através da intimidação”.

Reinaldo Azevedo, em sua coluna, evidencia a retórica do medo e do apelo ao envolvimento afetivo quando defende que o Foro de São Paulo abriga “quadrilhas de narcotraficantes e sequestradores que nesse ínterim espalharam o vício, o sofrimento e a morte por todo o continente”.

Outro assunto comum na linguagem da população que tem amparo nas declarações de publicistas é a insuficiência da Comissão Nacional da Verdade. Rachel Sheherazade e Reinaldo Azevedo entendem que os crimes cometidos por “terroristas” contrários ao regime também precisariam ser avaliados. “Comissão da Verdade, ou da meia-verdade?”, questiona a radialista.

A moralidade seletiva em relação aos casos de corrupção é identificada, em maior escala, nas falas de Rachel Sheherazade. Durante sua participação no programa “Jornal da Manhã”, a radialista pondera o envolvimento do então presidente da Câmara, Eduardo Cunha, em mais de uma enunciação. “Por enquanto, o presidente da Câmara não passa de um investigado [...]. Apesar de todos os ataques, [...] é dele, e somente dele, o poder de aceitar ou recusar um pedido de afastamento da presidente da República.”

É pertinente mencionar, ainda, que a crença do público estudado na igualdade formal de direitos – em detrimento da visão equitativa relacionada ao conceito de minorias políticas – também encontra apoio nos publicistas mencionados.

Em um exemplo expressivo, Azevedo afirma: “gayzismos e o feminizanismo representam apenas a si mesmos. Não são expressões da vontade nem dos gays nem das mulheres.” Sheherazade, por sua vez, explica: “Quem luta por direitos iguais não pode exigir privilégios diferentes.”.

Por fim, em mais um texto, Reinaldo Azevedo manifesta sua opinião complacente em relação aos casos mais sérios de comportamentos extremistas vividos na conjuntura brasileira – a hostilização de figuras públicas, por ora ligadas a partidos e movimentos sociais de esquerda. “Já disse que não endosso manifestações assim, mas entendo as suas razões. As pessoas estão com o saco cheio de mentiras, de violência, de arrogância, de líderes como este senhor”.

Novamente, a identificação de regularidades discursivas foi possível – desta vez no conteúdo propagado por seguimentos da mídia tradicional. Com isso, buscou-se demonstrar que a limitação contextual da linguagem não impede a propagação de compreensões comuns entre diferentes níveis da cascata de informações.

Além disso, percebe-se que o subgrupo estudado tem a possibilidade de permanecer insulado nas próprias crenças através de pelo menos três canais de comunicação: jornais, rádios e revistas. Essa possibilidade certamente existe e sempre existiu em relação aos mais diversos pensamentos. O que se colocou, aqui, é a introdução de filtros bolha, de discussões onde dissidentes

podem ser eliminados e evitados de forma rápida e fácil e da triagem de conteúdos de forma irrestrita.

Ainda, enquanto uma página no Facebook, mesmo com certo alcance, possa levantar suspeitas quanto às fontes utilizadas e a credibilidade, informações confirmadas pela mídia tradicional atingem um nível superior de veracidade. Esse fator pode ter influência na confiança irrestrita do público, identificada como um dos requisitos para a formação de um comportamento extremista.

3.5 Ações: a segunda fase da intolerância

A intolerância – que é uma expressão do extremismo aqui estudado – tem fortes raízes em um entendimento passional ou afetivo, como explicado anteriormente. Sua primeira fase pode ser caracterizada como um “preconceito”, ou, com maiores detalhes, como uma divisão do bem e do mal onde “eles” representam o mal a ser evitado ou combatido (BARROS, 2011, p. 33).

A sua existência no nível da comunicação já é problemática em si: o embate de ideias é positivo, assim como o amplo reconhecimento de que todo ser humano tem a liberdade de “crer de acordo com sua consciência” (BOBBIO, 2000b, p. 88). A questão no nível discursivo se torna ainda mais preocupante dado que o sujeito “decepcionado, frustrado, desesperado, inseguro e que tem ódio” pode passar à ação e agir contra “o outro” em uma segunda fase de sua intolerância (BARROS, 2011, p. 33).

É essa progressão para uma segunda fase, em níveis muito maiores do que o usual, que se verificou na conjuntura social brasileira no período que abrange os mandatos da presidenta Dilma. Há relatos de discussões políticas que resultaram em violência física em manifestações e uma série de hostilizações públicas de políticos do PT e apoiadores do partido.

Para analisar essa tendência, um breve histórico das ações mais representativas desse fenômeno foi construído. Nesse levantamento, buscou-se evidenciar que as narrativas padronizadas

que circulam por diversos níveis da cascata da informação tomam corpo na ação dos subgrupos da população, fundamentando um comportamento extremista.

Histórico

De Novembro de 2014 a Dezembro de 2015, o Brasil presenciou ao mínimo 5 grandes manifestações oposicionistas espalhadas por suas cidades. Os dois principais movimentos que as organizaram, *Vem pra Rua* e *Brasil Livre*, possuem um discurso de valorização de manifestações pacíficas e “cívicas”. Elogios à ação da PM, que não se envolveu em nenhuma polêmica, foram feitos depois de 15 de março.

Se comparadas a Junho de 2013, o saldo final de 2014/2015 é pacífico. Bombas de efeito moral e balas de borracha não foram noticiadas. Entretanto, o ambiente das pequenas confusões está repleto de casos de intolerância, indicando que as formações discursivas presentes na sociedade ganharam o campo da ação.

No caso mais grave, um fotógrafo com a aparência próxima a do ex-presidente Lula foi agredido fisicamente por manifestantes em Belo Horizonte (MG) em março de 2015 e teve que se retirar do local. O presidente do sindicato de Jornalistas, Kerison Lopes, expõe que o “ápice da irracionalidade” é agredir uma pessoa exclusivamente por se parecer com o ex-presidente²⁸.

Em outro caso, documentado através de vídeo, um homem é hostilizado em manifestação oposicionista por vestir uma camiseta vermelha com um símbolo comunista. O homem permanece imóvel enquanto recebe vaias e gritos de "Vai para Cuba" do ambiente ao seu entorno. Um dos manifestantes chega a empurrá-lo.

²⁸ AUGUSTO, Leonardo. Promotoria vai apurar agressão a fotógrafo que parece Lula. O Estado de São Paulo, Política. São Paulo, 13/04/2015. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,promotoria-vai-apurar-agressao-a-fotografo-que-parece-lula,1669125>>. Acesso em: 22/01/2016.

Posteriormente, sendo entrevistado pela UOL, é interrompido por um senhor que diz: “Tira isso, toma vergonha, você tá num país livre, vai pra Cuba, vai morar no inferno!” e “Vai arrumar um emprego na Argentina o na Venezuela pra ver se você arruma, eu conheço esses buracos”²⁹.

O caso não é isolado. Somente no dia 16 de agosto de 2015, pelo menos quatro ocorrências semelhantes foram divulgadas pelos jornais. Em uma delas, um homem teve a sua camiseta vermelha arrancada e incendiada pelos manifestantes. Não se tem relato de provocações por parte dele.

No que tange às figuras públicas, a primeira expressão de intolerância que ganhou destaque na mídia foi a hostilização ao ex-ministro da Fazenda, Guido Mantega, no hospital Albert Einstein, em fevereiro de 2015. Outros frequentadores do local bradaram frases como “Vai para Cuba” e “Vai para o SUS”, fazendo-o deixar a cafeteria em que se encontrava³⁰. Tal fato abriu um ciclo de ataques semelhantes que seguiram por todo 2015.

Em maio, um grupo de 30 pessoas se organizou para protestar em frente a um casamento onde Dilma Rousseff seria madrinha. Com panelas e apitos, os gritos foram de “Fora PT” a “Dilma Ladra”. Outros políticos presentes na cerimônia também foram alvo dos manifestantes. “Eu acho um despropósito, nesse momento de crise, a presidente participar de uma festa como essa”, disse um deles³¹.

Em outro caso, ocorrido em Belo Horizonte (MG), um grupo de manifestantes se organizou para protestar em frente ao velório do ex-senador petista José Eduardo Dutra, que contou com a

²⁹ Advogado fala sobre agressão em ato anti-Dilma na Paulista. UOL Mais. São Paulo, 15/11/2014. Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/1575mnadmj5c/advogado-fala-sobre-agressao-em-ato-antidilma-na-paulista-04024E9C386CDC915326?types=A>> Acesso em: 24/01/2016.

³⁰ MAGALHÃES, Vera. Mantega diz que agressões em hospital foram manifestações isoladas. Folha de S. Paulo, São Paulo, 25/02/2015, Poder. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/02/1594584-ex-ministro-mantega-e-expulso-de-hospital-sob-gritos-de-vai-para-o-sus.shtml>> Acesso em: 21/12/2015.

³¹ URIBE, Gustavo. Manifestantes promovem panelaço em casamento em que Dilma é madrinha. Folha de S. Paulo, São Paulo, 09/05/2015, Poder. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/05/1627089-manifestantes-promovem-panelaco-em-casamento-em-que-dilma-e-madrinha-em-sp.shtml>>. Acesso em: 21/12/2015.

presença do ex-presidente Lula. Panfletos com a frase "petista bom é petista morto" foram encontrados na localidade, além de um cartaz com os dizeres: "Lula, seu amigo, nem morto"³².

Questionado sobre o local da ação, um dos manifestantes respondeu que "qualquer momento é momento de mandar um bandido embora". Explicou, ainda, que o ex-presidente Lula é corrupto e quer implantar o comunismo no Brasil, e afirmou: "Não aprovamos a presença de Lula em Minas"³³.

Nos meses que seguiram, ao menos 10 políticos petistas sofreram retaliações similares: humilhações públicas, geralmente em bares, restaurantes e aeroportos, com formações discursivas parecidas, durante seu exercício em ambientes privados³⁴. Em um deles, uma frase significativa é exprimida: "O senhor devia ter vergonha de sair de casa, vergonha do que o senhor fez e do seu partido (PT)"³⁵.

Percebe-se, a partir disso, que a expressão do descontentamento com figuras públicas em situações da vida privada se intensificou no período aqui estudado. E esse comportamento por parte da população, além de evidenciar as características do extremismo definido inicialmente, indica a falta de consciência da existência de duas esferas – pública e privada.

E é exatamente a existência dessa divisão que funda o Estado de Direito dos dias atuais. O advento da modernidade possibilitou que a esfera privada ganhasse relevância, deixando de ser apenas uma condição para o exercício da vida pública. Hannah Arendt chega a descrever o "perigo para a existência humana decorrente da eliminação da esfera privada", salientando a importância de um "refúgio seguro contra o mundo público em comum" (ARENDR, 2007, p.81).

³² TEIXEIRA, Tâmara. Em velório do ex-senador José Dutra, petistas lamentam 'intolerância'. O Tempo, Política. Belo Horizonte, 05/10/2015. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/capa/pol%C3%ADtica/em-vel%C3%B3rio-do-ex-senador-jos%C3%A9-dutra-petistas-lamentam-intoler%C3%A2ncia-1.1130806>> Acesso em: 22/01/2016.

³³ AUGUSTO, Leonardo. 'Petista bom é petista morto', diz panfleto atirado em local de velório de Dutra. O Estado de São Paulo, Política. São Paulo, 05/10/2015. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,petista-bom-e-petista-morto--diz-panfleto-atirado-em-local-de-velorio-de-dutra,1774673>>. Acesso em: 22 /01/2016.

³⁴ Situações do tipo aconteceram com os políticos filiados ao PT: Gilberto Carvalho, Alexandre Padilha, José Eduardo Cardozo, Fernando Haddad, Eduardo Suplicy, Rui Falcão, Charliton Machado, Fernando Mineiro e Petrus Ananias.

³⁵ LANDIM, Raquel. Ex-ministro Mantega é hostilizado em público pela terceira vez. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28/06/2015, Poder. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/06/1648958-ex-ministro-mantega-e-hostilizado-em-publico-pela-terceira-vez.shtml>>. Acesso em: 21/12/2015.

Conclui-se que o intenso envolvimento afetivo dos sujeitos com assuntos de cunho político acarreta não somente impaciência, intransigência e intolerância mas uma espetacularização da política que não discerne competências do cargo ocupado da atividade da vida individual.

Por fim, um último acontecimento relevante ao histórico evidencia de forma satisfatória o fenômeno aqui estudado: uma tentativa de atropelamento envolvendo vizinhos que discordam politicamente. O caso, que ganhou destaque na mídia, envolve a família da socióloga e professora Walquíria Leão Rego e o engenheiro José Luiz Garcia³⁶.

A primeira tensão que ela e sua família tiveram que enfrentar em relação ao próprio posicionamento político aconteceu em 8 de março, quando o primeiro “panelaço” contra as falas da presidenta foi organizado. Segundo a professora, Garcia passou minutos gritando palavrões com ódio e agressividade sob a sua janela.

No dia 16 de agosto, depois de uma manifestação oposicionista, Garcia voltava para casa quando os encontrou. Segundo a família, o engenheiro gritava, diretamente a eles, frases como “Eu não respeito petista ladrão, corrupto, filho da puta” e “O PT não merece respeito”.

Em setembro, a tentativa de atropelamento da filha da socióloga aconteceu. Segundo Walquíria, a família ficara apreensiva em relação às atitudes do vizinho desde os acontecimentos anteriores. Por essa razão, quando sua filha o encontrou na garagem, olhou mais atentamente, na tentativa de prever algum gesto hostil.

Notando que a jovem o observava, Garcia diz: “O que está olhando, sua filha da puta?”. A jovem, tentando documentar o acontecimento, pega o celular em mãos. É nesse momento que Garcia lança o carro sobre ela, fazendo-a recuar. A família prestou queixa.

Uma vez que o caso ganhou a mídia, ambos os lados puderam explicar a própria versão dos fatos. Através de uma entrevista concedida por José Garcia ao jornal Folha de São Paulo, uma análise minuciosa de suas formações discursivas foi realizada. Entende-se que as falas do

³⁶ BERGAMO, Mônica. Vizinhos brigam por causa do PT e vão parar na delegacia em São Paulo. Folha de S. Paulo, São Paulo, 04/10/2015.

engenheiro simbolizam de forma precisa o arranjo mental dos subgrupos da população aqui debatidos. Além disso, elas reforçam os padrões já evidenciados.

Primeiramente, o engenheiro explica que a “raiva” começou com o Mensalão, em 2005. “Ela [a web] possibilitou que as pessoas se informassem. Hoje você tem ‘zilhões’ de informações para processar. Você vê as coisas acontecendo na televisão, na internet. É evidente que isso aí gera reação.”

De forma espontânea, Garcia manifesta opiniões formadas sobre a conjuntura atual e a história brasileira. “Falam de recrudescimento da direita. Mas o que está havendo é um recrudescimento do socialismo, com a China rivalizando, a Rússia. E na América Latina tem esse pessoalzinho da Bolívia, da Venezuela.” Sobre a história do Brasil, afirma: “Nós aqui tivemos uma ditadura tropical. Tinha até Congresso e partido político”.

Expressando sua proximidade aos padrões de raciocínio já descritos anteriormente, o entrevistado critica o Programa Bolsa Família através do argumento do desestímulo ao trabalho e abre espaço para o pensamento homofóbico, ao afirmar que o relacionamento entre duas mulheres é “devassidão”.

Ainda, se tomada como material empírico para o enquadramento em um comportamento extremista, a entrevista de José Garcia é rica. A “arrogância”, no sentido da crença de superioridade e na desqualificação do outro como ignorante, aparece na seguinte afirmação: “Se o cara não se convenceu até agora, fica difícil. Aí eu já questiono o discernimento dele.”

A “intransigência”, vista como recusa a ponderações e acordos, pode ser encontrada quando Garcia nega revisar suas atitudes. “Se eles querem que eu peça desculpas, eles não vão conseguir. Eu não sou culpado. Eu jamais vou pedir desculpas, entendeu? Jamais.”

Somando-se à classificação anterior a “intolerância”, enquadra-se o trecho: “Não tem acordo. Eu vou passar por ele todos os dias e dizer: ‘Bom dia, seu petista’?. Acabou o diálogo. Não temos outra opção, não temos como reagir. A maioria silenciosa não aguenta mais. Só que agora não é mais silenciosa”.

Por fim, a “mentalidade extremada”, que não aceita ponderação, aparece quando o engenheiro argumenta de forma maniqueísta, afirmando que “Quando um vizinho defende um governo cleptocrata e fobiocrata, ou ele faz parte da cleptocracia ou ele é um idiota total”.

O enquadramento da entrevista acima nos padrões e conceitos já estudados nos permite supor que Garcia já apresentava um discurso extremista anterior à prática de violência cometida contra “o outro”, confirmando a progressão da intolerância para uma fase posterior, de ação violenta.

Com base em um histórico das atitudes intolerantes mais representativas do período aqui estudado, buscou-se demonstrar a intensificação desses casos se comparados a contextos anteriores. Por fim, a análise do discurso de um dos protagonistas das ações extremistas confirma que esse sujeito não está à parte do ambiente em que vive, mas relacionado a toda uma composição discursiva anterior que fundamenta sua racionalidade para agir.

4.0 CONCLUSÃO

Através do desenvolvimento do referencial teórico e da análise de materiais empíricos, tentou-se demonstrar que o uso da internet, nos moldes atuais, é um dos fatores que pode ajudar a explicar a polarização de grupos que resulta no extremismo no debate político e na retórica intolerante anti-PT. Pela soma de atitudes conscientes de afastamento e de resultados de filtros bolha no mundo virtual, o indivíduo acaba por limitar a chegada de informações contrárias às suas inclinações iniciais, vivendo em uma realidade que reitera seus pontos constantemente.

A facilidade de supressão de diversidade dentro dos próprios grupos que possuem uma ideologia comum também ajuda a explicar a mudança para pontos extremos. Cada vez mais, a discussão e a convivência se dão em ambientes mais similares.

Todo esse arranjo tem o potencial de criar uma confiança irrestrita no público estudado, uma vez que o “mundo” diário, para esses sujeitos, não nega ou coloca em cheque nenhuma de suas convicções. A mentalidade extremada que vêm durante o processo desqualifica as poucas

informações vindas do “outro lado”, por considerá-las sem *prestígio*, sem estudo, irracionais ou compradas.

Além disso, esse “mundo” que valida todas as crenças do sujeito vai além de sua atuação nos ciclos de relacionamentos pessoais e nas redes sociais. Líderes de opinião e publicistas da mídia tradicional reproduzem o mesmo discurso ouvido em níveis inferiores da cascata de informações. Desta forma, através dos mecanismos de homogeneidade explicados anteriormente – voluntários e involuntários -, o processo alcança ainda mais âmbitos da vivência do indivíduo.

Imaginava-se, no início, que a mídia tradicional reproduziria um discurso oposicionista mais comedido, por mais que as manifestações opinativas utilizem de diversos mecanismos de convencimento e persuasão e não tenham um comprometimento com a imparcialidade. No entanto, foi percebido que essa mídia formadora de opinião também reproduz formações discursivas superficiais e pouco confiáveis, contribuindo, inclusive, para a propagação de boatos.

À vista disso, percebeu-se que os padrões encontrados no discurso da população não surgem de forma totalmente espontânea, mas fazem parte de uma cascata de informações que conecta diversos níveis de influência e de expressão. Esses níveis estão em constante contato, criando o próprio sentido e saída para as mensagens recebidas de outros patamares.

Concluiu-se, então, que o comportamento percebido no público estudado não tem relação com certa irracionalidade. Pelo contrário: se as pessoas elaboram o próprio entendimento e discurso com base no que apreendem do mundo, e todas as suas vivências indicam que suas crenças estão corretas, então o mais racional a se fazer é crer cada vez mais nos seus próprios pontos elaborados anteriormente.

Uma vez que esse processo entra em ação, juntamente com o acesso restrito a posicionamentos contrários, o anseio pela consonância cognitiva torna fácil – novamente – a rejeição de novas informações.

É indispensável notar que a sequência descrita acima afeta um público limitado, justamente pela atribuição da internet e da leitura como fundamento central. Por mais que o acesso à rede pela

população brasileira venha se expandindo nos últimos anos, ainda existe uma forte correlação entre o hábito de estar conectado e um maior nível de renda e escolaridade. Em 2015, a Pesquisa Brasileira de Mídia da Secretaria de Comunicação Social apontou que 51% dos brasileiros ainda não utilizavam a internet³⁷.

Além disso, no contexto brasileiro, o analfabetismo funcional é grande. Desse fato podemos depreender o analfabetismo digital, que hierarquiza as experiências dos sujeitos ao acessar a rede e exclui parte deles ao exigir níveis de cognição diferenciados para acessar cada conteúdo.

Para tentar territorializar o fenômeno aqui identificado – ou parte dele –, recorre-se novamente à pesquisa realizada por Marcelo Santos Jr. Segundo seu levantamento através de *softwares* de pesquisa em comunicação, "a configuração do público [das páginas de oposição radical no Facebook] é de jovens, majoritariamente do Estado de São Paulo, o que aponta o lugar de fala como representativo de parte da juventude do sudeste do país que não se sente contemplada pelas ações do PT e reage com agressões simbólicas nas redes sociais" (SANTOS, 2014, p. 314).

Essa explicação pode ser estendida a todo o comportamento de formação do discurso extremista, mas talvez seja insuficiente para enquadrar todo o público que compõe esse subgrupo opositor.

Outro ponto a ser levantado diz respeito aos limites da linguagem identificados em cada patamar da cascata de informações. As fronteiras para a expressão não são fixas, ainda que exista uma coerção nesse sentido. Desta forma, indivíduos que ultrapassam o que é considerado esperado para a posição que ocupam acabam ganhando projeção a depender de seu público cativo.

Em outras palavras, a imagem do jornalista que fala o que a audiência quer ouvir ou do político que não tem manobras na linguagem tem obtido sucesso. Isso gera uma pressão para que a formação discursiva de patamares superiores seja cada vez mais similar ao que escutamos no dia-a-dia ou lemos pela internet, também no discurso extremista.

³⁷ Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014.

O mesmo é válido para as páginas estudadas. A linguagem utilizada “aproxima os temas [tratados] da cultura oral e das conversas cotidianas, o que pode ser um caminho profícuo para elucidar o engajamento significativo dos usuários” (SANTOS, 2014, p. 314).

A origem do comportamento extremista estudado não foi o foco primordial da pesquisa. Considerou-se, apenas, que o surgimento da rede de oposição no Facebook se coloca como evidência de uma reação à direita aos mandatos presidenciais à esquerda que ganharam corpo no Brasil.

No entendimento desse contexto, é preciso identificar, ainda, a origem do envolvimento afetivo do público estudado com a retórica antipetista. Um possível caminho para essa explicação é o entendimento das razões da ascensão de uma direita radical através de uma perspectiva histórica e comparativa.

Por fim, outro âmbito do tema que pode ser tratado em investigações posteriores é a psicologia por trás do uso da internet, que investiga os desvios no comportamento corriqueiro dos serem humanos quando os mesmos podem agir através do anonimato e da distância que a internet propicia.

5.0 BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

AVELAR, Lúcia. Ética e Democracia: participação e compromisso. In: Cidadania e Política: Volume 01 – Princípios da Democracia. São Paulo: Oficina Municipal, 2015. p. 9-33

BARROS, Diana L. P. As paixões nos discursos intolerantes. In Análises do Discurso Hoje Volume 4. Org. EMEDIATO, Wander. LARA, Gláucia M. P. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira: 2011.

BOBBIO, Norberto. A Era dos Direitos. Editora Elsevier: São Paulo, 2000b.

BOBBIO, Norberto. Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política. São Paulo:

Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BOBBIO, Norberto. Liberalismo e Democracia. São Paulo: Brasiliense, 2000^a.

CHIAVENATO, Idalberto. Administração Geral e Pública. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

CONSTANT, Benjamin. Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos. Revista Filosofia Política nº 2, 1985

COUTO, Cláudio G. Book Review: Democracies and Dictatorships in Latin America: Emergence, Survival, and Fall. Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2013

DAHL, Robert. A democracia e seus críticos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012a.

DAHL, Robert. Poliarquia: participação e oposição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012b.

DEUTSCH, Karl. Análise das Relações Internacionais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978.

FREIRE, Sérgio. Análise do Discurso: procedimentos metodológicos. Instituto Census, 2014.

GRÜN, Roberto. Guerra cultural e transformações sociais: as eleições presidenciais de 2006 e a “blogosfera”. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 23, n. 3, 2008.

MIGUEL, Luis F. A mídia e o declínio da confiança na política. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 10, n. 19, 2008.

MILL, John Stuart. Utilitarianism, on liberty and representative government. In: WEFFORT, Francisco C. (Org.). Os clássicos da política. 2º Volume. São Paulo: Ática, 2001. p. 200-223

PARISER, Eli. The filter bubble: how the new personalized web is changing what we read and how we think. Nova York: Penguin Press, 2011.

PINHO, José A. G. Sociedade da informação, capitalismo e sociedade civil: reflexões sobre política, internet e democracia na realidade brasileira. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 51, n. 1, 2011.

SANTOS, Marcelo A. Jr. A rede de oposição radical no Facebook: cartografia e apontamentos sobre os haters políticos. *Revista Estudos da Comunicação*, Curitiba, v. 15, n. 38, 2014.

SARTORI, Giovanni. *A teoria da democracia revisada: o debate contemporâneo*. São Paulo: Editora Átila, 1994.

SCHUMPETER, Joseph. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

SUNSTEIN, Cass R. *Going to Extremes: How like Minds Unite and Divide*. Oxford: Oxford University Press, 2009.